

# CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXV | 369 | Maio 2026



## Safrinha Goiana

Milho, sorgo e planejamento ganham protagonismo em uma temporada marcada por mudanças no clima e novas estratégias produtivas

### Girassol

Lavouras coloridas marcam a paisagem no campo, enquanto a cultura amplia espaço e fortalece a renda de produtores em Goiás



FAEG  
SENAR  
IFAG  
SINDICATO RURAL

### Uvas

Cerrado goiano ganha destaque nacional com o crescimento da viticultura, vinhos premiados e do enoturismo



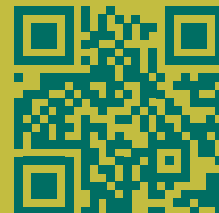
Construção de  
**Carreira**  
no Agronegócio

O Senar Goiás criou um **curso via WhatsApp** para você aprender a:

- ✓ Se posicionar melhor no mercado
- ✓ Criar um currículo atrativo
- ✓ Buscar oportunidades
- ✓ Se preparar para entrevistas

**Matricule-se gratuitamente:**

EAD.SENARGO.ORG.BR



## Planejamento, resiliência e cuidado com as pessoas

O agronegócio goiano sempre foi construído sobre a capacidade de adaptação. Em um setor diretamente conectado às condições da natureza, produtores rurais aprendem diariamente que cada safra traz desafios diferentes e exige decisões cada vez mais estratégicas.

Nesta edição da Revista Campo, mostramos como a segunda safra 2026 tem colocado à prova essa capacidade de adaptação. O atraso das chuvas no início do ciclo agrícola desencadeou uma série de impactos que se estenderam para a colheita da soja e para o plantio das culturas de segunda safra. Em diversas regiões de Goiás, produtores enfrentam uma combinação desafiadora de janela reduzida de plantio, déficit hídrico e incertezas de mercado.

Ao mesmo tempo, observamos a força e a capacidade de reação do campo goiano. O avanço do sorgo, a consolidação do girassol como importante alternativa produtiva e o crescimento de práticas ligadas à agricultura regenerativa demonstram que inovação e diversificação são caminhos fundamentais para enfrentar um cenário climático cada vez mais complexo. O produtor rural segue investindo em conhecimento, tecnologia e gestão para reduzir riscos e manter a competitividade das propriedades.

Mas os desafios do agro não se limitam ao clima e ao mercado. Cada vez mais, ganha relevância um tema que durante muito tempo permaneceu em segundo plano: a saúde mental das pessoas que fazem o agro acontecer. A entrada em vigor das novas exigências da NR-1 reforça algo que o Sistema

Faeg Senar já defende há anos: cuidar das pessoas é tão importante quanto cuidar da produção.

Por isso, destacamos nesta edição iniciativas pioneiras do Senar Goiás voltadas à gestão de riscos psicossociais no meio rural, além da inspiradora entrevista com a jornalista Izabella Camargo, que compartilha reflexões importantes sobre burnout, equilíbrio emocional e qualidade de vida. Em um ambiente marcado por pressão, responsabilidade e tomada constante de decisões, promover ambientes de trabalho mais saudáveis é um investimento no futuro do setor.

Produzir alimentos, fibras e energia continuará exigindo planejamento, eficiência e inovação. Mas também exigirá cada vez mais atenção às pessoas, à sustentabilidade dos sistemas produtivos e à capacidade de construir propriedades rurais preparadas para os desafios do presente e do futuro.

O agro goiano já demonstrou inúmeras vezes sua força. E essa força continuará sendo construída pela combinação entre conhecimento, resiliência, gestão e valorização de quem está todos os dias no campo.



**Eduardo Veras**  
**Presidente em exercício**  
**do Sistema Faeg/Senar Goiás**

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

**Conselho editorial:** Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges.

**Diretor Técnico:** Leonnardo Furquim.

**Diretora de Comunicação:** Michelly Mancinelli.

**Edição e revisão:** Fernando Dantas e Renan Rigo.

**Reportagem:** Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Lucas Almeida, Renan Rigo e Revana Oliveira.

**Fotografia:** André Costa.

**Diagramação:** Isabele Barbosa.

**Foto da capa:** Divulgação.

**Fotos do Paimel Central:** André Costa, Fredox Carvalho e divulgação.

**Tiragem:** 5.000 exemplares.

**Comercial:** (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

### DIRETORIA FAEG

**Presidente em exercício:** Eduardo Veras de Araújo.

**Vice-presidentes:** Enio Jaime Fernandes Júnior.

**Vice-presidentes Institucionais:** Ailton José Vilela e Henrique Marques de Almeida. José Vitor Caixeta Ramos (in memoriam).

**Vice-presidentes Administrativos:** Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

**Conselho Fiscal:** Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

**Suplentes:** Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

**Delegados Representantes:** Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

**Suplentes:** Nilson Fogolin e José Fava Neto.

### CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

**Presidente em exercício:** Eduardo Veras Araújo.

**Superintendente:** Dirceu Borges.

**Titulares:** Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

**Suplentes:** Geovando Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

**Conselho Fiscal:** Wildson Cabral Santos, Marcus Vinicius Rodrigues Souza Lino e Sandra Pereira de Faria.

**Suplentes:** Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

**Conselho Consultivo:** Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

**Suplentes:** Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

### Sistema Faeg Senar

Rua 87 n° 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300

Goiânia - Goiás

Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br

Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br |

comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual

62 3096 2200

## Painel Central



### 22 Viticultura

Tecnologia, manejo especializado e condições do Cerrado impulsionam a expansão dos vinhedos e abrem novas oportunidades para os produtores goianos



### 16 Caso de Sucesso

Com apoio da ATeG, família de Nova Veneza fortalece a pecuária de corte e garante a continuidade de um legado construído ao longo de três gerações



### 26 Girassol

Maior produtor do país, Goiás expande o cultivo e reforça a importância de uma das culturas mais rentáveis da segunda safra



### 12 Prosa Rural

Jornalista, palestrante e uma das principais vozes do país na discussão sobre saúde mental, burnout e produtividade sustentável, Izabella Camargo

06 Porteira Aberta

30 Faeg Jovem

08 Sistema em Ação

33 Mitos e Verdades

10 Opinião

34 Info Senar

11 Ação Sindical

37 Receitas do Campo

28 Saúde mental

38 Dica de Vó



32 Senar Responde

Técnica de Agroindústria do Senar Goiás responde dúvida sobre como evitar que o queijo fique inchado

# Capa



**O** atraso das chuvas no plantio da soja desencadeou uma série de impactos que agora afetam a segunda safra em Goiás. Com lavouras de milho fora da janela ideal e estiagem prolongada em diversas regiões, produtores enfrentam perdas de produtividade e buscam alternativas para reduzir riscos. Enquanto o sorgo ganha espaço no campo, especialistas alertam que as mudanças climáticas e as incertezas de mercado exigem cada vez mais planejamento, gestão e capacidade de adaptação.

18

### HLB



Agrodefesa

A Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) publicou, em maio, a Instrução Normativa nº 1/2026, que instituiu o Programa Estadual de Prevenção e Controle Complementar ao HLB (PE-

CHLB). A IN estabeleceu medidas fitossanitárias de prevenção e controle do Huanglongbing (HLB) e de proteção da cadeia citrícola goiana contra a doença que é considerada a mais destrutiva para os citros no mundo. Também conhecido como Greening, o HLB tem caráter sistêmico e infecção irreversível. O programa reúne uma série de medidas para reforçar a vigilância e o controle da doença no estado. Entre as ações previstas estão a realização de levantamento fitossanitário anual e a erradicação imediata das plantas contaminadas pelo HLB. Cabe ao produtor promover a eliminação das plantas hospedeiras por meio de arranquio ou corte, e também o manejo para evitar brotações, sem direito a qualquer tipo de indenização

### PAA Leite 2026



Lucas Eugênio/Seapa

O Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), divulgou o resultado final do edital de chamamento público do Programa de Aquisição de Alimentos, na modalidade PAA Leite 2026. Ao todo, sete organizações fornecedoras da agricultura familiar foram aprovadas no processo

seletivo, sendo quatro classificadas para atendimento imediato e três incluídas em cadastro reserva. As propostas classificadas para fornecimento imediato somam R\$ 3,77 milhões. As organizações estão localizadas nos municípios de Ipameri, Ceres, Cocalzinho de Goiás e Jataí, com atuação na cadeia leiteira da agricultura familiar. As entidades poderão realizar entregas tanto nos municípios de origem quanto nos vizinhos, conforme a capacidade logística de cada organização. A execução do programa prevê a distribuição de 319.148 litros de leite tipo C pasteurizado e 253.265 litros de bebida láctea. Os produtos serão destinados às entidades sociais cadastradas pela Organização das Voluntárias de Goiás (OVG) responsáveis pela distribuição às famílias em situação de vulnerabilidade alimentar no estado.

### Cerveja

O setor cervejeiro brasileiro registrou, em 2025, o maior número de cervejarias da série histórica. O Anuário da Cerveja 2026 - Ano de Referência 2025, publicado pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), contabiliza 1.954 estabelecimentos distribuídos em 794 municípios brasileiros, além de crescimento no número de produtos registrados e recorde no valor das exportações do setor, que alcançaram US\$ 218,4 milhões. Considerando toda a série histórica, o número de cervejarias registradas no país cresceu 4.785%. Apesar do recorde no número de estabelecimentos, o crescimento registrado em 2025 foi de 0,3%. Elaborado pela Secretaria de Defesa Agropecuária do Mapa, o anuário apresenta dados estatísticos sobre o registro de estabelecimentos e produtos, além de informações sobre exportações, importações, geração de empregos e produção do setor cervejeiro brasileiro. Em 2025, o Brasil contabilizou 44.212 cervejas registradas, representando crescimento de 2,4% em relação ao ano

anterior, com acréscimo de 1.036 novos registros. No mesmo período, o país alcançou 56.170 marcas de cerveja registradas, demonstrando a diversidade da cadeia produtiva cervejeira nacional.



Acesse o anuário



Mapa

# Cigarrinha-do-milho

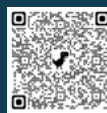


Charles Oliveira/Embrapa

A cigarrinha-do-milho (*Dalbulus maidis*), considerada a principal praga da cultura, tem provocado prejuízos bilionários à produção nacional. Um estudo inédito quantificou o impacto econômico dos enfezamentos do milho na produção nacional. Entre 2020 e 2024, o Brasil perdeu uma média de 22,7% de sua safra de milho anualmente devido a essas doenças, cujos patógenos são transmitidos por aquele inseto-vetor, gerando um

prejuízo de cerca de 6,5 bilhões de dólares anuais. Ao longo das quatro safras avaliadas, o montante acumulado de perdas financeiras atingiu a marca de 25,8 bilhões de dólares, uma vez que cerca de 2 bilhões de sacas de 60 quilos deixaram de ser produzidas. As conclusões foram publicadas na revista internacional *Crop Protection* e detalham como os enfezamentos e a cigarrinha-do-milho passaram de um problema secundário para o maior desafio sanitário do sistema produtivo de milho no Brasil das últimas décadas. O estudo foi conduzido pela Embrapa Cerrados (DF), Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Saiba mais



# Cana-de-açúcar



Conab

A melhora na produtividade e a expectativa de uma maior área a ser colhida levam a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) a estimar a produção de cana-de-açúcar em 709,1 milhões de toneladas na safra 2026/27. Caso se confirme, o resultado representa um aumento de 5,3% em relação à temporada anterior e a segunda maior da série histórica da Companhia, atrás apenas do volume colhido no ciclo 2023/24. Os dados estão no 10º Levantamento de Cana-de-açúcar 2026/27, divulgado pela Companhia. No Centro-Oeste, segunda principal região produtora, há

expectativa de aumento na área colhida de 1,8%, estimada em 2 milhões de hectares. A produtividade média na região também deverá crescer 1%, chegando a 77.595 quilos por hectare. Neste cenário, a Conab espera uma produção de 154,5 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. A maior produção de cana reflete em uma elevação na fabricação do etanol. Nesta primeira estimativa, a Conab traz uma projeção de produção de 40,69 bilhões de litros. Com o mercado mais favorável ao etanol, o volume representa uma alta de 8,5% em relação à última temporada diante da maior fabricação do combustível tanto de origem da cana como de milho, e pode ser um novo recorde na série histórica da Companhia. De acordo com o levantamento, a estimativa é de se produzir 29,26 bilhões de litros de etanol oriundo de cana-de-açúcar, aumento de 7,1%.

# Influenza aviária

Com o avanço do outono e a aproximação do inverno no Brasil, a Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) reforça o alerta aos avicultores para que intensifiquem as medidas preventivas contra a influenza aviária de alta patogenicidade (IAAP), conhecida como gripe aviária. As ações de biossegurança incluem o controle de acesso às granjas e o isolamento de aves domésticas para evitar o contato com aves silvestres. Em caso de suspeita da doença, a notificação imediata ao Serviço Veterinário Oficial (SVO) é fundamental para uma resposta rápida e eficaz. A Agrodefesa lembra que, nas granjas, as instalações devem ter telas de proteção em torno de toda a estrutura para impedir a entrada de vetores de doenças. A alimentação dos plantéis deve ser feita em ambiente fechado para não atrair aves silvestres, e a água utilizada na

criação deve ser proveniente de fonte segura, preferencialmente encanada e tratada com cloro, reduzindo o risco de contaminação. A notificação de suspeitas deve ser realizada por meio da plataforma e-Sisbravet (<https://sisbravet.agro.gov.br/>) do Governo Federal. Também é possível comunicar o caso à Agrodefesa pelo Whatsapp (62) 9 8164-1188.



Wenderson Araujo/CNA

# Mulheres em Campo

A força feminina do agro goiano tomou conta do Espaço Dois Ipês, em Goiânia, durante o IV Encontro Mulheres em Campo. Promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural em Goiás (Senar Goiás), em parceria com a Comissão de Produtoras Rurais da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), o evento reuniu mais de mil mulheres vindas de diferentes regiões do estado para um dia de troca de experiências, conhecimento, saúde e empreendedorismo. A programação foi dividida em dois momentos. Pela manhã, a médica ginecologista e obstetra Francine Pereira conduziu a palestra “Saúde feminina além do óbvio”, trazendo orientações sobre autocuidado, prevenção e qualidade de vida. A cirurgiã plástica Larissa Oliveira também abordou o tema saúde sob uma perspectiva ampliada, reforçando a conexão entre o agro, bem-estar e autoestima. No período da tarde, a jornalista e escritora Izabella Camargo ministrou a palestra “Crescer profissionalmente sem se encolher pessoalmente”, abordando especialmente o burnout,

doença que ela própria enfrentou e que mudou completamente sua trajetória profissional e pessoal. Além da saúde mental, o encontro também abriu espaço para o empreendedorismo feminino. Cerca de 30 produtoras rurais, acompanhadas pela assistência técnica ou participantes de cursos do Senar Goiás, expuseram produtos que já conquistam mercados dentro e fora do Brasil



Sistema Faeg

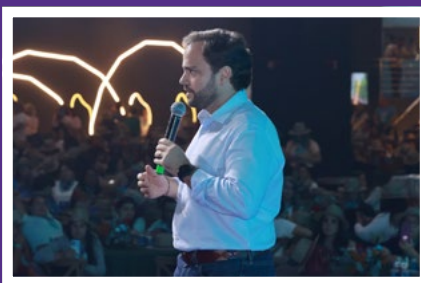
## Para registro



Sistema Faeg/Senar

“Cada mulher aqui carrega uma história diferente, mas todas têm algo em comum: coragem. Coragem para enfrentar desafios, cuidar da família, administrar propriedades e produzir alimento. Não existe crescimento verdadeiro no agro sem olhar para a saúde física e mental das mulheres que sustentam esse setor.”

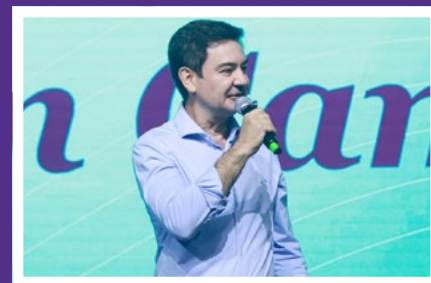
**Angela Van Lieshout,**  
presidente da Comissão de Produtoras Rurais da Faeg



Sistema Faeg/Senar

“O crescimento desse encontro é muito gratificante. Em quatro anos, o evento quadruplicou de tamanho, mostrando que as mulheres do agro estão buscando cada vez mais conhecimento, troca de experiências e fortalecimento dentro do setor.”

**Dirceu Borges,**  
superintendente do Senar Goiás



Sistema Faeg/Senar

“A Faeg acredita na força das mulheres do agro e entende a importância de criar espaços como esse, que levam conhecimento, inspiração e oportunidades. A comissão de produtoras rurais tem desenvolvido um trabalho essencial para ampliar a participação feminina e valorizar ainda mais o papel das mulheres no setor.”

**Eduardo Veras,**  
presidente em exercício do Sistema Faeg/Senar

## Pecuária



Sistema Faeg/Senar

O Senar Goiás, que tradicionalmente participa da Pecuária de Goiânia, esteve presente novamente na festa em 2026. Dentro do museu, levou demonstrações dos cursos de aquaponia, que é o cultivo de hortaliças hidropônicas integrado à criação de peixes, além de trançados em couro, incluindo selaria. Houve ainda a presença dos cães de pastoreio e a fabricação de rapadura e moça-branca, com o processo completo desde a moagem da cana

# Agrotecnoleite 2026

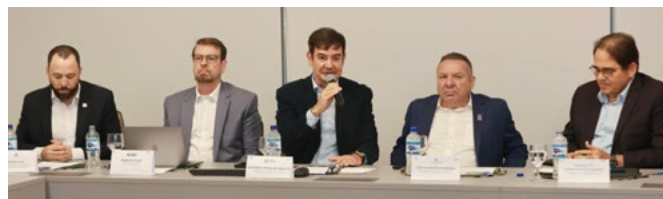


Divulgação

O Senar Goiás foi um dos patrocinadores oficiais da 15ª edição da Agrotecnoleite, promovida pela Cooperativa Mista dos Produtores de Leite de Morrinhos (Complem). Durante o evento, o Senar Goiás reforçou seu compromisso com o desenvolvimento da pecuária leiteira no estado ao apresentar os resultados e benefícios da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), programa que atualmente atende gratuitamente mais de 5 mil produtores de leite em Goiás. No estande do Sistema Faeg/Senar e Sindicato Rural, os visitantes tiveram acesso a atendimento técnico especializado, orientações sobre gestão e produção leiteira, além de demonstrações práticas e atividades interativas voltadas ao fortalecimento do produtor rural. Entre os destaques estavam palestras sobre a ATeG, demonstrações de cursos como trançados em couro, produção artesanal de cachaça e adestramento de cães para pastoreio, lançamento do curso EaD Inseminação Artificial em Tempo Fixo, além de ações de promoção à saúde e bem-estar no campo, realizadas pelo grupo Faeg Jovem Morrinhos.

## Lideranças

O Sistema Faeg/Senar foi sede, em maio, da reunião do Fórum das Entidades Empresariais de Goiás (FEE-GO), que reuniu lideranças do setor produtivo para debater temas estratégicos para o desenvolvimento do estado. Entre os assuntos da pauta, destaque para a apresentação da Ficomec 2026, conduzida pelo presidente da Associação Comercial, Industrial e de Serviços do Estado de Goiás, Rubens Fileti, além da análise do Decreto 10.899/26, que trata das compensações florestais e danos ambientais em áreas rurais de Goiás. O encontro reforçou a importância do diálogo entre as entidades na construção de soluções que garantam segurança jurídica, desenvolvimento econômico e sustentabilidade para o setor produtivo goiano.



Divulgação

## Institucional



Divulgação

A CNA realizou, em maio, a primeira reunião do Conselho do Agro Econômico, criado para acompanhar os cenários econômicos nacionais e internacionais e antecipar os impactos da geopolítica no agro brasileiro. Durante o encontro, os economistas Marcos Troyjo e Samuel de Abreu Pessoa apresentaram análises sobre o cenário global e doméstico, abordando projeções para câmbio, juros, inflação e crescimento econômico, além dos reflexos das políticas fiscal e monetária para o setor produtivo. O presidente em exercício da Faeg, Eduardo Veras, participou da reunião e destacou a preocupação do setor com as novas restrições impostas pela União Europeia à carne brasileira, especialmente nas exigências sanitárias e no regulamento sobre resistência antimicrobiana.

## Economia

O presidente em exercício do Sistema Faeg, Eduardo Veras de Araújo, participou de reunião com a secretária da Economia de Goiás, Renata Noletto, para discutir pautas estratégicas para o agro goiano. Entre os temas debatidos estiveram a devolução de valores do Funderinfra pagos indevidamente pelos produtores, a remissão de multas relacionadas ao transporte de animais e a regularização de contratos rurais junto ao Cadastro de Contribuintes do Estado. O encontro reforça a atuação do Sistema Faeg na defesa dos interesses dos produtores rurais e no acompanhamento de medidas que garantam mais segurança jurídica e melhores condições para o desenvolvimento do agro em Goiás.



Divulgação

# O que dói no agro do Cerrado em 2026? Os dados que servirão como base ao Desafio Agro Startup



**Gabriel Martins**  
é superintendente  
do Instituto para o  
Fortalecimento da  
Agropecuária de Goiás  
(Ifag)

**T**odos os anos, o ecossistema de inovação fala sobre criar soluções para o agro. Mas existe uma pergunta que vem antes de qualquer tecnologia: quais são, de fato, os problemas mais urgentes do produtor rural?

Foi a partir dessa lógica que o Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag) estruturou mais uma edição do estudo de mapeamento das principais dores do agronegócio goiano. O objetivo é simples, mas estratégico: garantir que a inovação não comece pela solução, e sim pelo problema.

Os dados levantados em 2026 servirão como base para o Desafio Agro Startup — hoje a maior maratona de inovação para o agronegócio do Brasil. Todos os anos, universidades, startups, empresas e profissionais do setor utilizam esse material para desenvolver soluções conectadas com desafios reais do campo.

Porque inovação sem problema validado não é inovação. É desperdício. O levantamento ouviu produtores de nove cadeias produtivas — avicultura, grãos, fruticultura, horticultura, pecuária leiteira, pecuária de corte, piscicultura, silvicultura e suinocultura — e organizou as respostas por uma matriz que combina gravidade, urgência, tendência, governança e inovação, transformando percepções subjetivas em scores estratégicos comparáveis.

O resultado surpreende quem imagina que o maior problema do campo é uma praga ou uma doença. As dores de maior pontuação foram: escassez de mão de obra qualificada, estresse e sobrecarga no trabalho rural, instabilidade econômica e climática, falta de acesso a financiamento adequado, interrupções no fornecimento de

energia e fragilidade na organização coletiva.

Saúde humana do trabalho rural aparece no topo do ranking em várias cadeias. Da pecuária leiteira à suinocultura, do grão à pecuária de corte. O campo produz cada vez mais. Mas a atividade rural pressiona cada vez mais quem o faz funcionar.

Isso não significa que sanidade animal ou manejo fitossanitário deixaram de importar. Importam! E aparecem com força em cadeias como avicultura e pecuária de corte. O que o estudo revela é que as vulnerabilidades do agro não são isoladas.

Energia, crédito, mão de obra e coordenação institucional formam um tecido de risco. Quando se rompe em qualquer ponto, afeta toda a cadeia. Por isso, adotamos a lente da Saúde Única — que integra saúde humana, animal, vegetal, ambiental e de governança em uma mesma leitura sistêmica. Cuidar da cadeia é cuidar do alimento, do trabalhador, do rebanho, da lavoura e do território — ao mesmo tempo.

As dores mapeadas são apresentadas aos participantes do Desafio Agro Startup para direcionar soluções mais aderentes à realidade do setor. Isso reduz um erro comum, que é criar tecnologias sofisticadas para dores irrelevantes. No agro, solução sem contexto raramente escala.

Os resultados completos serão publicados em artigo científico, detalhando a metodologia, análise estatística multivariada e os rankings por cadeia.

No caminho entre a ciência, invenção ou ideia até a nota fiscal no agro, a ponte começa ouvindo quem está no campo. Porque antes de falar sobre inovação, é preciso falar sobre problema real.

## Ação Sindical

### Aruanã Curso de Solda Elétrica



Divulgação

O Sindicato Rural de Britânia e Aruanã, em parceria com o Senar Goiás, promoveu em maio o Curso de Solda Elétrica no Confinamento Colorado JBJ, em Aruanã. A capacitação foi voltada à qualificação de produtores, trabalhadores rurais e profissionais interessados em aprimorar conhecimentos sobre técnicas de soldagem aplicadas às atividades do meio rural. Durante o treinamento, os participantes tiveram acesso a conteúdos teóricos e práticos relacionados à operação de equipamentos, procedimentos de soldagem, normas de segurança e boas práticas de trabalho. A formação buscou desenvolver habilidades essenciais para a execução de serviços de manutenção e reparos em estruturas, máquinas e implementos utilizados nas propriedades rurais.



Wagner Marchesi - Presidente

### Corumbá de Goiás Curso de Trançado em Couro



Divulgação

O Sindicato Rural de Corumbá de Goiás, em parceria com o Senar Goiás, promoveu o Curso de Trançado em Couro, capacitação voltada ao desenvolvimento de técnicas artesanais aplicadas à confecção de peças utilizadas no meio rural e equestre. A iniciativa reuniu participantes interessados em aperfeiçoar habilidades manuais e ampliar oportunidades de geração de renda por meio do artesanato em couro. Durante as aulas, os alunos aprenderam técnicas de corte, trançado, acabamento e montagem de peças, produzindo itens como cintos, bainhas, acessórios e artigos tradicionalmente utilizados no campo. Além da parte prática, o curso abordou conceitos de qualidade, aproveitamento de materiais e valorização do trabalho artesanal.



Rildofo Pereira - Presidente

OFERTA EXCLUSIVA PARA  
PRODUTOR RURAL E CNPJ

TOYOTA | **saga**

# HILUX

CD SR AUT. 26/26 E POWER PACK 26/26

A garantia  
que só a  
Toyota  
oferece.



MAIS DE **R\$ 50 MIL DE DESCONTO!**

NA COMPRA DA 1ª E 2ª REVISÕES,  
**GANHE A 3ª E 4ª REVISÕES + 10 ANOS DE GARANTIA**  
ACEITAMOS O SEU SEMINOVO COMO PARTE DO PAGAMENTO!

(62) 3254-1417



**PRONTA ENTREGA**



Oferta exclusiva para Produtor Rural ou CNPJ, disponível na planilha válida. Imagem meramente ilustrativa. Confira condições através do site [sagatoyota.com.br/toyota-go-17/oferta](http://sagatoyota.com.br/toyota-go-17/oferta). Condição sujeita a aprovação sem aviso prévio.

Burnout no agro:  
a jornalista que transformou  
o colapso em alerta para  
milhares de mulheres

## Izabella Camargo

é jornalista, palestrante e uma das principais vozes do país na discussão sobre saúde mental, burnout e produtividade sustentável



André Costa

**Alexandra Lacerda** | [alexandra.larceda@senar-go.com.br](mailto:alexandra.larceda@senar-go.com.br)

Com mais de duas décadas de atuação na comunicação, Izabella Camargo construiu carreira em grandes emissoras de televisão e rádio, tornando-se referência em temas ligados ao comportamento humano e qualidade de vida no trabalho. Após vivenciar um quadro severo de burnout, transformou a própria experiência em propósito profissional, passando a atuar na conscientização sobre esgotamento emocional, gestão do tempo, equilíbrio entre vida

pessoal e carreira e prevenção ao adoecimento mental. É autora, mentora e palestrante em eventos corporativos e do agronegócio, levando reflexões sobre limites, autocuidado e alta performance saudável para empresas, lideranças e profissionais de diferentes setores.

Ela já viveu o ritmo acelerado das redações, a cobrança constante por resultados e o peso de ignorar os sinais do próprio corpo até chegar ao limite. Hoje, a jornalista e palestrante transforma

a experiência com o burnout em um movimento de conscientização sobre saúde mental, produtividade e qualidade de vida. Em maio deste ano, Izabella foi uma das palestrantes do evento Mulheres em Campo, realizado em Goiânia, que reuniu cerca de mil mulheres ligadas ao agronegócio para discutir liderança, desafios do setor e bem-estar emocional. Com uma fala direta, sensível e baseada na própria vivência, ela chamou atenção ao destacar que o burnout não surge de forma re-



pentina, mas é resultado de meses e até anos de negligência física e emocional. Na entrevista, Izabella aborda os impactos do excesso de produtividade, os sinais silenciosos do esgotamento, os riscos da hiper conectividade e a pressão enfrentada por profissionais do agro, setor marcado por longas jornadas, instabilidade climática e responsabilidade constante. Ao comparar o cuidado com a saúde humana ao manejo da terra, ela reforça uma reflexão que marcou sua palestra: “não adianta querer

que o planeta fique sustentável e você fique doente”.

Ao longo da conversa, a jornalista também fala sobre a necessidade de reconhecer limites, aprender a pedir ajuda e mudar a relação com o trabalho antes que o corpo imponha uma parada obrigatória. Mais do que um relato pessoal, a entrevista se transforma em um alerta sobre um problema que deixou de ser silencioso e passou a ocupar espaço central nas discussões sobre saúde e desempenho profissional.

**1** O burnout deixou de ser um tema restrito aos consultórios e passou a fazer parte das discussões públicas. Na sua avaliação, o que explica o crescimento tão acelerado dos casos nos últimos anos?

O que explica o aumento dos casos não é porque agora nós temos mais pessoas adoecendo, nós agora temos mais pessoas falando que estão adoecidas. Isso é totalmente diferente. O problema sempre existiu. A síndrome de burnout é um nome novo para um problema muito antigo. É como bullying, que é um nome novo para um problema antigo. Então agora a diferença é que as pessoas estão parando para reavaliar se aquilo que elas estão sentindo faz parte mesmo do jogo, do negócio, ou se é algo que pode trazer uma consequência ainda pior. Pior que o burnout, seriam AVC ou infarto.

**2** Você viveu na prática o esgotamento profissional. Hoje, olhando para trás, quais foram os primeiros sinais que o seu corpo e a sua mente deram antes do colapso?

Os primeiros sinais foram problemas graves de pele, estômago, intestino e circulação. Então tudo isso foi tratado de forma isolada. Só quando eu comecei a ter problemas cardíacos é que o cardiologista reconheceu que tudo aquilo estava associado ao estilo de vida insustentável.

**3** Muitas pessoas confundem cansaço com burnout. Como diferenciar um período de estresse normal de um quadro que exige atenção e ajuda profissional?

Existe uma grande diferença entre cansaço, exaustão e burnout. Se eu estou cansada, eu descanso, agora se eu estou cansada e não descanso porque eu estou me deixando para depois ou eu bebo um negócio, eu como um negócio, ou eu me anestesio com alguma outra dopamina barata, eu vou deixando o cansaço se tornar esgotamento. Isso não é de um dia para o outro, nem de um fim de semana para o outro, nem de um mês para o outro. São meses se negligenciando, meses dormindo menos do que você precisa, comendo mal, se negligenciando com exames e tudo aquilo que você

sabe que precisa fazer. O excesso de confiança faz você ignorar esses sinais e sintomas e aí você está em um quadro de esgotamento em que você já está doente, mas isso ainda não é burnout, porque você ainda está funcionando. Só que ao viver uma situação com características de assédio, dependendo do seu nível de esgotamento e do nível de acúmulo de sinais que você tem, aí você não vai conseguir. Você vive burnout e perde funcionalidade. Então a diferença do cansaço para a exaustão e para o burnout é que no burnout você deixa de funcionar. Você não consegue mais fazer aquilo que você sempre fez.

### **4 O excesso de produtividade ainda é visto como sinônimo de sucesso em muitos ambientes de trabalho. Até que ponto essa cultura contribui para o adoecimento emocional?**

O problema não é a produtividade, nem o trabalho. O trabalho é promotor de saúde. Ser uma pessoa produtiva é muito legal quando você está em um ambiente de respeito, organizado e sem assédio. Agora, um ambiente, então, com excesso de trabalho, desorganizado e com assédio é adoecedor. Então, já foi dito no século XVI que a diferença entre o remédio e o veneno é a dose. Então, você colocou na sua pergunta o excesso de produtividade. Então, o excesso de qualquer coisa é muito ruim.

### **5 Quais hábitos da rotina moderna mais silenciosamente favorecem o surgimento do burnout?**

Acesso a compras, a jogos, a comida calórica, a bebida, todos os anestésicos que vão te anestesiando de um estilo de vida que já está ruim. Então o burnout é um freio, não é o fim. O burnout só vem para te dizer 'ó, nesse ritmo que você está, não vai dar para continuar'. No ambiente corporativo é a realidade da sociedade, é reflexo da sociedade. Muitas empresas já reconhecem os dados, outras ainda jogam debaixo do tapete. O fato é que todos nós estamos com mais dados do que no passado. Então agora, com os dados,

eu consigo tomar decisões com segurança. Se eu não tenho dados eu fico só na opinião, só no achismo. Mas agora com dados não tem para onde fugir. E no caso quem vai saber a dose, quem vai saber o limite, é cada pessoa. O problema hoje que a gente encontra é você ver pessoas com características diferentes no mesmo ambiente, uma querendo fazer igual à outra. Eu não posso, com estilo de vida, com filhos, idosos, eu com uma idade diferente do que uma pessoa que tem vinte e poucos anos, sem filhos, sem ter que cuidar de ninguém, o desempenho é totalmente diferente, porque a energia é totalmente diferente. Então quem vai saber o próprio limite é cada pessoa.

### **6 O corpo costuma manifestar sinais físicos antes mesmo do diagnóstico emocional. Quais sintomas não devem ser ignorados?**

A gente tem que separar, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Diagnóstico emocional. Do que nós estamos falando? Estamos falando de emoções? Então, se eu estou falando de emoções, eu preciso então de educação sobre o tema. Eu falei sobre as cinco emoções básicas que todos nós carregamos o tempo inteiro: medo, raiva, nojo, tristeza, alegria. Então, para falar disso, eu preciso primeiro reconhecer que essas emoções básicas nos conduzem em todas as situações. E aí vai depender do seu copo: se tiver muito cheio, você está vendo tudo como ameaça, você está vendo tudo como um problema. Se o copo tiver mais de boa, isso acontece quando você dormiu melhor, você consegue interpretar melhor. As situações, então, os sintomas que a gente não deve ignorar são todos aqueles que estão sinalizando algo só que vai depender do que se normalizou. Se você já normalizou dor de estômago todo dia não é isso que vai te dizer. Se você já normalizou é uma oscilação hormonal muito intensa, eu não posso falar sobre isso. Então cada pessoa é afetada de uma forma quando vive sob estresse crônico. Estres-

se crônico é o estresse de todo dia. Não é o estresse agudo, estresse agudo quando é quando você vive uma situação específica. Vou dar um exemplo bem simples: fiz um bolo e ele queimou – situação aguda; agora todos os dias eu trabalho numa cozinha em que eu tenho medo que o gás exploda isso é uma situação crônica e eu estou me adaptando com uma ameaça diária. Então, eu posso falar com muita certeza que nenhum sintoma deve ser ignorado. Dependendo de como você se trata, de como você se cuida, você já vai buscar ajuda no primeiro sintoma. É como um barulho de uma ferramenta, de uma máquina agrícola. Você viu que está um barulho estranho, você vai mandar para o mecânico. Então, por que o seu corpo está te dizendo tantas coisas e você não está buscando ajuda? Quem pode fazer isso é só você. Não dá para a gente responsabilizar esse comportamento, não dá para terceirizar essa responsabilidade.

### **7 O agronegócio é um setor marcando por pressão climática, oscilações de mercado, longas jornadas e responsabilidade constante. Como esses fatores podem impactar a saúde mental de produtores, técnicos e profissionais do agro?**

Sempre foi assim. Inclusive, a revolução agrícola foi a que proporcionou outras revoluções. A gente não está falando de nenhum problema novo, só que agora a gestão está mais complexa, porque além de tudo isso que sempre teve, eu também tenho a comparação. Eu fico vendo pelas fotos o resultado da lavoura de alguém, eu fico vendo pelas fotos o carro novo de alguém que teve um resultado específico em certa lavoura. A complexidade hoje do trabalho, ela fica ainda mais delicada quando você está com a sua saúde mental abalada e está vendo tudo como ameaça. Então, sim, o agro é para os fortes. Eu falo isso porque a minha família vem do agro. Então, continue na missão. É alimentar a fé, é mesmo diante de todos os desafios persistir. Só que agora, com as informações que todos têm, é possível planejar. Então, se for possível,

pagar o seguro agrícola, se for possível fazer a instalação de uma irrigação. Para cada situação, é uma solução. Não existe uma resposta para todos os problemas. Existem muitos problemas que podem ter várias soluções.

## **8** Muitos produtores rurais carregam a ideia de que precisam “dar conta de tudo” e raramente falam sobre emoções ou sofrimento psicológico. Como quebrar essa barreira cultural dentro do agro?

Para aquelas pessoas que se sentem culpadas ao descansar, eu falei na palestra inclusive, a gente sabe que depois de uma colheita eu preciso dar um tempo mínimo para a terra se recuperar. Eu posso até jogar um aditivo, um produto químico para dar uma revitalizada, mas quem é do agro sabe que tudo tem o seu tempo. E toda vez que eu quero antecipar o tempo, eu posso ter um prejuízo muito maior. Então o que eu diria para todas as pessoas que vão ter acesso a esse conteúdo é que a gente precisa fazer com a gente o que a gente já sabe que precisa fazer com a terra. Se nós somos reflexos da natureza, não adianta querer que o planeta fique sustentável e você fique doente.

## **9** Após viver o burnout, quais mudanças mais importantes você precisou fazer na sua relação com o trabalho e consigo mesma?

As principais mudanças foram e são vigilância constante para não ultrapassar os meus limites que agora eu já sei. Se eu estou em um dia de viagem me sinto enjoada, eu não posso mais tomar café, eu preciso reduzir o meu número de tela de trabalho. É preciso fechar os olhos. São coisas simples, todo mundo já sabe quando o corpo está dizendo algo assim, como todo agricultor, toda mulher do agro sabe quando o tempo vai virar. A gente tem muita habilidade para perceber os sinais da atmosfera e não acredita ou não confia nas sinalizações que o corpo está dando dizendo ‘ó, nesse ritmo que está aqui não vai dar’. Quando um sim te coloca em risco, a resposta é não. Risco do quê? Ficar sem dormir, fi-



car sem comer, ficar sem ter tempo de tomar banho, ter que emendar um compromisso no outro e sair correndo, se colocando em risco. Como eu ouvi de uma pessoa lá no evento que ela sofreu um acidente, a sorte é que tinha uma cerca na frente. Então, ainda bem que tinha uma cerca, porque senão ela não estaria me contando essa história. Por quê? Porque tem que correr o tempo todo. Então quando a gente se coloca em risco para alguma coisa, a resposta precisa ser não. Agora não. Dessa vez não.

## **10** O ambiente corporativo brasileiro está realmente mais atento à saúde mental ou ainda existe muito discurso e pouca prática?

O ambiente corporativo é a realidade da sociedade, é reflexo da sociedade. Muitas empresas já reconhecem os dados, outras ainda jogam debaixo do tapete. O fato é que todos nós estamos com mais dados do que no passado. Então agora com os dados eu consigo tomar decisões com segurança. Se eu não tenho dados eu fico só na opinião, só no achismo. Mas agora com dados não tem pra onde fugir.

## **11** Como líderes e gestores podem identificar sinais de esgotamento em suas equipes antes que o problema se agrave?

Na minha palestra eu mostro com todos os sinais e sintomas mostrando que dores são mensagens. Se o líder ou o gestor fez vista grossa para todas aquelas colunas, quando chega no fim da terceira, que é o isolamento e agressividade, que é o que antecede a

ideia suicida, então o gestor sabe. Ele percebe quando a pessoa está se isolando, quando ela está mais agressiva, mas de repente não é o gestor que vai cuidar daquela situação. Gestor não é psicólogo, o gestor não precisa resolver tudo, mas ele precisa ter ciência de tudo para delegar. Hoje, na minha opinião, a maior habilidade da gestão é a delegação da gestão e das mulheres é delegar. Só que para delegar, preciso confiar. Para confiar, preciso conviver. Como a gente está muito cansada, para sentir e conviver a gente vai lá e faz. Então, ou a gente muda o nosso modus operandi ou a gente vai continuar reclamando, a gente vai continuar reclamando, a gente vai continuar reclamando...

## **12** Depois de tudo o que viveu e aprendeu, qual a principal mensagem que você gostaria de deixar para profissionais que hoje vivem em ritmo acelerado e acreditam que parar é sinal de fraqueza?

Só pessoas fortes pedem ajuda. Não tem como você continuar acelerando, se você não frear. Quem dirige sabe que independente do câmbio automático ou mecânico, temos o freio e o acelerador. Se eu só acelerar, vou encontrar um obstáculo, um poste e vou bater. Por isso, preciso frear para me respeitar e continuar fazendo o que eu amo. Ou até mesmo avaliar que não estou gostando mais de fazer o que eu faço e mudar. E que essa mudança seja feita com a saúde, porque não existe nada pior que mudar, sem saúde, sem plano de saúde, sem planejamento.

# Três gerações e uma história de sucessão

Família de Nova Veneza encontrou na Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás apoio para fortalecer a pecuária de corte, organizar a gestão das propriedades e manter legado construído no campo

**Revana Oliveira** | revana@sistemafaeg.com.br



Avó, mãe e filha se uniram para conduzir o negócio rural

Em uma das propriedades da família, em Nova Veneza, na região metropolitana de Goiânia, um belo lago cercado por pastagens compõe a paisagem que simboliza décadas de trabalho, dedicação e sucessão no campo. Foi nesse cenário que a Revista Campo foi recebida para conhecer a trajetória de uma família, marcada por desafios, superação e sucesso na pecuária de corte. Advogada por formação, Eunice Loures Moles decidiu retornar ao campo após a morte do pai, Divino Moles, assumindo a responsabilidade de administrar as quatro propriedades da família e dar continuidade ao legado construído ao longo de gerações.

“Voltar para a fazenda foi um grande desafio. Eu precisava aprender a administrar, entender a produção e continuar um legado muito importante para nossa família. Foi preciso persistência, coragem e honestidade, valores que meus pais sempre ensinaram e que hoje são a base de tudo que fazemos aqui”, afirma Eunice.

Ao lado da mãe, Ivani Mendonça Loures Martins, Eunice passou a reorganizar a produção e estruturar um novo momento para as propriedades. “O pai dela sempre a levou para ver como as coisas funcionavam, desde pequena. Mas na hora que ela precisou assumir tudo, foi preciso resiliência, força de vontade, principalmente por ser mulher e fechar os negócios antes feitos pelo pai. Mas nós unidas, nos fortalecemos”, conta a matriarca.

Agora, a terceira geração também começa a trilhar esse caminho: Fernanda Loures Mendonça Peres acompanha de perto o trabalho e já se inspira na força das mulheres da família. “Vendo o trabalho, a dedicação, a firmeza da minha mãe e da minha avó, eu também fui estimulada a entrar nesse trabalho. Hoje, eu tenho uma empresa na cidade, mas paralelo a isso também tenho meu gado”, explica.

O fortalecimento da atividade das três gerações foi facilitado com a chegada da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás, programa que une visitas mensais gratuitas para melhoria da produção e renda das propriedades rurais. O trabalho desenvolvido pelo técnico de campo João Victor Ferreira ajudou a reorganizar processos, planejar investimentos e estruturar o crescimento da pecuária nas fazendas.

“Quando a gente chegou à propriedade, nos deparamos com alguns problemas gerenciais. Então eu falei para Eunice: ‘não vamos

Divulgação



Técnico de campo do Senar Goiás, João Victor Ferreira ajudou a família a reorganizar processos, planejar investimentos e estruturar o crescimento da pecuária nas propriedades

Divulgação

mexer com nada da parte técnica por enquanto, primeiro precisamos alinhar a parte gerencial”, lembra João Victor.

Segundo ele, um dos primeiros passos foi regularizar toda a documentação das propriedades. “Conseguimos organizar a parte da Agrodefesa [Agência Goiana de Defesa Agropecuária], regularizar os documentos e liberar a fazenda para vender com a Guia de Transporte Animal (GTA), e nota fiscal. Não adianta ter um animal gordo, vender bem e não conseguir emitir a documentação.”

O técnico explica que o trabalho possui um desafio extra: administrar quatro propriedades interligadas, cada uma com funções diferentes dentro do planejamento produtivo. “Foi um trabalho bem desafiador porque não trabalhamos apenas com uma fazenda, mas com quatro. Hoje estamos planejando trazer cada animal para sua respectiva fazenda e começar a dividir melhor os pastos”, afirma.

A meta da família é consolidar o ciclo completo da pecuária de corte: cria, cria e engorda. Atualmente, os animais passam por diferentes fases dentro das propriedades até chegarem ao ponto ideal para comercialização. “Estamos em fase de execução do planejamento que o Senar propôs para nós. Estamos trabalhando no melhoramento genético e também na implementação dessas estratégias”, explica Eunice.

Ela conta que a assistência chegou em um momento decisivo. “O Senar chegou num momento muito propício, em que eu e minha família estávamos precisando de assessoramento nas fazendas, porque não tínhamos a experiência necessária para gerir e administrar”, relata.

Ao caminhar pela fazenda, é possível perceber as mudanças já implementadas. O pasto bem manejado, os animais saudáveis e o controle sanitário mais eficiente mostram o avanço do trabalho realizado em conjunto entre a família e a assistência técnica.

“O gado aqui está bonito, engordando bem. Hoje já não temos mais problemas com carrapato. Estamos trabalhando na recuperação das pastagens, na adubação e correção do solo. Tudo isso está avançando porque a Eunice é uma produtora extremamente dedicada”, ressalta João Victor.

Mais do que administrar propriedades rurais, Eunice carrega a missão de manter viva a história construída pelos pais. Ao lado da mãe, ela conduz as decisões da fazenda com o olhar voltado para o futuro e para a continuidade da família no agro. “Minha mãe sempre foi um exemplo de companheirismo, de firmeza, juntamente com o meu pai. Então os valores que a gente tem hoje vêm dessa base construída pelos dois”, destaca Eunice.

Ivani acompanha com orgulho a continuidade do trabalho iniciado pela família. “Tivemos dificuldades,

mas ela começou a trilhar e começou a dar certo. Ela é muito competente, é uma pessoa que quer fazer as coisas e segue em frente. Honestidade acima de tudo sempre foi um valor nosso.”

Para Fernanda, acompanhar a determinação da mãe e da avó reforça a importância da presença feminina na continuidade das propriedades rurais. “Crescer vendo minha avó e minha mãe enfrentando desafios e mantendo esse legado vivo me inspira muito. Hoje, a gente entende o quanto é importante a sucessão no agro, principalmente quando vemos mulheres ocupando esse espaço com força, conhecimento e responsabilidade. Quero continuar esse trabalho e ajudar a manter a história da nossa família no campo”, afirma.

Em um setor onde cada vez mais mulheres assumem posições de liderança, histórias como a da família de Nova Veneza mostram que tradição e inovação podem caminhar juntas. Pessoas interessadas em receber a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás, em especial aquelas que estão iniciando em uma área que não tem muita experiência, devem procurar o Sindicato Rural do município e buscar informações sobre os grupos disponíveis para cada cadeia produtiva.

Conheça a história da família



# Entre a seca e o mercado: produtores enfrentam desafios na segunda safra em Goiás

Atraso das chuvas compromete janela de plantio e aumenta preocupação com a safrinha no Estado

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O atraso das chuvas no início do plantio da soja desencadeou uma sequência de impactos que agora preocupa técnicos, produtores e entidades ligadas ao agro. Em muitas regiões de Goiás, a falta de chuva tem colocado à prova a resistência dos produtores.

Em Orizona, o produtor Leandro de Carli reduziu os investimentos na segunda safra. A decisão foi influenciada pela janela de plantio mais curta, consequência do atraso na colheita da soja, o que levou à diminuição da área cultivada. “O risco ficou muito alto para o milho. Como a colheita da soja atrasou bastante, preferimos migrar parte da área para o sorgo para reduzir as chances de perda. Tive que reduzir pela metade a área que eu estou acostuma-

do a plantar, uns 700 hectares, isso porque ficou muito fora da janela. Com a falta de chuva, o desenvolvimento está bem abaixo do normal, com uma quebra bem alta. Estamos prevendo em torno de 40% a 50%”, conta Leandro.

As áreas de milho plantadas fora da janela considerada ideal elevam o risco para a produtividade da safrinha no Estado. “Plantamos no finalzinho de fevereiro, sabia que seria um período mais arriscado. No início até choveu razoável, até 8 de abril, depois cortou a chuva. Já vamos para quase 45 dias sem chuva, e com isso já começou a morrer as lavouras e estamos preocupados porque de agora para frente está ficando pior. O milho entra na fase da boneca, então assim a perda poderá ser maior”, explica.

O Instituto para Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag) acompanha o andamento da safra por meio de indicadores e boletins climáticos que orientam produtores em todo o estado. Para o analista de grãos Vilmar Alves, a mudança do clima tem alterado o próprio calendário agrícola. “Está mudando porque o clima está mudando. Estamos observando cada vez mais variabilidade climática, com períodos de excesso de chuva e veranicos acontecendo na mesma safra”, avalia.

Para os próximos meses, a tendência é de redução gradual da umidade do solo e chuvas mais espaçadas, aumentando a preocupação com as áreas plantadas fora da janela ideal. Diante desse cenário, muitos produtores passaram a direcionar parte das áreas previstas



para milho a culturas mais resistentes ao déficit hídrico, como sorgo e milheto.

Segundo Vilmar, a área cultivada com sorgo em Goiás nesta segunda safra cresceu 40%, impulsionada pela redução da janela ideal para o milho. “O que levou à maior procura pelo sorgo foi justamente essa situação de janela mais apertada para o milho. O sorgo é uma cultura com menor exigência hídrica e, por isso, o produtor acaba buscando essa alternativa como uma opção um pouco menos arriscada”, explica.

Apesar de mais resistente, o sorgo também depende de boas condições de umidade para expressar seu potencial produtivo. Com a irregularidade das chuvas nas últimas semanas, a expectativa é de perdas em diversas áreas, principalmente nas lavouras plantadas mais tarde. “A produtividade vai ser comprometida em muitas áreas por conta do clima que estamos enfrentando neste momento. Muitas lavouras estão justamente em uma fase crítica, de enchimento de grãos, e algumas ainda entrando nesse estágio porque foram plantadas já mais no fim da janela”, destaca.

Mesmo diante das dificuldades climáticas, a expectativa é de crescimento da produção estadual da cultura. O avanço da área plantada deve compensar parte das perdas causadas pela estiagem. Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indicam que a área cultivada com sorgo em Goiás na safra 2025/26 deve alcançar aproximadamente 631 mil hectares, crescimento de 59% em relação ao ciclo anterior.

Embora a produtividade média esteja estimada em cerca de 58 sacas por hectare, com redução próxima de 12%, o aumento da área tende a sustentar a produção total. “A nossa produção de sorgo nesta safra deve ser maior de toda forma porque tivemos um aumento de área expressivo. Mesmo com a produtividade menor, esse crescimento da área plantada acaba sustentando uma elevação na produção total”, analisa Vilmar.

Segundo ele, o avanço do sorgo também está relacionado à ampliação dos mercados consumidores. Atualmente, a principal destinação da cultura é a alimentação animal, especialmente nos setores de avicultura, suinocultura e confinamento bovino. Algumas indústrias também utilizam o cereal para produção de etanol. “O principal uso do



*Analista de grãos, Vilmar Alves diz que a mudança do clima tem alterado o próprio calendário agrícola*

Divulgação

sorgo hoje no Brasil é na alimentação animal. Depois, algumas unidades também vêm utilizando a cultura para produção de etanol, e agora surge ainda a possibilidade da exportação”, explica.

O analista destaca ainda o acordo firmado entre Brasil e China para exportação de sorgo, que pode ampliar as oportunidades comerciais para os produtores brasileiros. “No final do ano passado, o Brasil firmou um acordo com a China para exportação de sorgo. Essa produção provavelmente também deve ganhar um novo destino e abrir oportunidades futuras para o setor”, conclui.

O avanço do sorgo reforça um movimento crescente de diversificação das áreas de segunda safra em Goiás, especialmente em regiões onde o risco climático tem levado produtores a buscar culturas mais adaptadas às limitações hídricas do Cerrado.

Produtor orientado consegue um fôlego maior para seguir na atividade. Essa é a visão do agricultor Edegar Lorenzi, de Planaltina. Apesar das incertezas provocadas pelo clima irregular, ele destaca a importância da assistência técnica do Senar Goiás. “Esse ano, a

gente plantou cerca de 100 hectares de sorgo e 65 de milho, mas enfrentamos o problema de falta de chuva mais uma vez. O milho está precisando de água na formação da espiga e do grão, e o sorgo também, porque está ‘cachando’. Já estamos esperando uma produção baixa de tudo, mais um ano”, relata.

Apesar de o plantio ter iniciado em boas condições, a estiagem prolongada comprometeu o desenvolvimento das lavouras justamente na fase mais importante para a formação da produtividade. Segundo o produtor, o cenário se repete em relação ao ano passado, quando a seca já havia causado prejuízos expressivos.

Em 2025, ele precisou reduzir o plantio de milho e recorrer ao milheto como alternativa para minimizar as perdas. “No ano passado, a gente teve problema de seca no plantio. Eu plantei um pouquinho de milho, mas não deu tempo. No fim, coloquei tudo milheto, só para fazer palhada”, conta.

Mesmo diante das dificuldades, Edegar explica que o início da safra trouxe expectativa positiva. O milho foi plantado entre os dias 27 e 28 de fevereiro, enquanto o sorgo entrou na terra em meados de março, período em que ainda havia boa umidade no solo. “O plantio nasceu bem, estava tudo bonito. Só que agora, justamente quando a planta mais precisa de água, está sofrendo”, lamenta.

Edegar destaca que o acompanhamento técnico oferecido pelo Senar Goiás tem sido importante para melhorar o controle da propriedade e auxiliar na tomada de decisões no campo. “A situação poderia estar bem pior porque, depois que comecei a receber a assis-



*Produtor Edegar Lorenzi e a técnica de campo do Senar Goiás, Clotildes Neves*

Divulgação

tência técnica do Senar Goiás, a gente passou a ter mais controle das coisas. Já assinei os documentos para continuar o atendimento no próximo ano”, afirma.

A técnica de campo do Senar Goiás, Clotildes Neves da Silva, responsável pelo acompanhamento da propriedade, explica que o trabalho desenvolvido junto ao produtor envolve planejamento produtivo, gestão da atividade e orientações técnicas voltadas ao melhor aproveitamento da lavoura, mesmo em anos de grande adversidade climática. Segundo ela, o atendimento busca auxiliar o produtor na análise de custos, definição de estratégias de manejo, organização das informações da propriedade e tomada de decisão mais segura diante das oscilações do clima e do mercado. “A análise dos custos está sendo de extrema importância porque a gente já tem um clima que não consegue controlar, além de um mercado que também não é possível prever. Então, avaliar os custos a cada safra tem sido fundamental para ajudar nas decisões sobre quais produtos e manejos deram resultado e podem ser utilizados novamente, além de buscar preços mais adequados e reduzir despesas onde for possível”, explica.

Clotildes ressalta que são justamente esses ajustes feitos ao longo do processo produtivo que ajudam o produtor a buscar maior eficiência dentro da propriedade. “São detalhes que vamos ajustando para melhorar a produtividade e também a questão do custo no geral, lá no final da safra. Esse acompanhamento permite ao produtor entender melhor onde pode avançar e onde precisa corrigir para manter a atividade sustentável”.

Ela acrescenta ainda que em propriedades afetadas pela irregularidade das chuvas, o acompanhamento técnico se torna mais importante para orientar medidas que minimizem perdas e contribuam para a sustentabilidade da produção ao longo das próximas safras. “A gente trabalha muito a gestão da propriedade, o planejamento e o olhar estratégico para o sistema produtivo. Mesmo quando o clima não ajuda, o produtor que possui informação e acompanhamento técnico consegue tomar decisões mais assertivas e enfrentar melhor os desafios”, ressalta.

### **Mercado preocupa**

Além das dificuldades provocadas pela estiagem, produtores rurais de

Goiás também acompanham com atenção o mercado do milho segunda safra. A preocupação é que, mesmo diante das perdas causadas pelo clima, os preços não reajam o suficiente para compensar a queda de produtividade nas áreas plantadas fora da janela ideal.

O engenheiro agrônomo Deucimar Pereira Lima acompanha o comportamento da segunda safra em uma das principais regiões produtoras de grãos do país. Mestre em Bioenergia e Grãos, atua como representante comercial da Advanta Seeds em Rio Verde e região, desenvolvendo trabalho de acompanhamento técnico de lavouras, manejo, posicionamento de híbridos e estratégias produtivas adaptadas ao Cerrado brasileiro.

Segundo ele, havia expectativa de maior procura pelo sorgo nesta safra, principalmente em razão do atraso no plantio do milho em várias regiões do estado. “Pensamos que o produtor iria virar a chave por conta da perda de janela do milho. Mas não foi bem isso que aconteceu”, explica.

De acordo com Deucimar, parte dos agricultores incluiu o sorgo de forma estratégica no sistema produtivo, não apenas como alternativa emergencial, mas para otimizar o aproveitamento da janela agrícola. “Tivemos vários produtores que programaram colocar sorgo na propriedade pensando em otimizar a janela de plantio. O sorgo consegue atender muito bem uns 15 dias depois da janela ideal do milho, então ele acaba sendo uma excelente alternativa”, afirma.



*Engenheiro agrônomo Deucimar Pereira ressalta que parte dos agricultores incluiu o sorgo de forma estratégica no sistema produtivo para otimizar o aproveitamento da janela agrícola*

Por outro lado, muitos produtores que perderam a janela recomendada optaram por manter o plantio do milho, mesmo diante dos riscos. Entre os fatores que influenciaram a decisão está o custo já assumido com a compra das sementes. “Muitos não tiveram coragem de guardar a semente de milho. Já tinham comprado e, em muitos casos, a empresa não quis receber a semente de volta. Então acabaram plantando milho fora da janela mesmo. Hoje nós temos um cenário grande de perda de janela de milho e, mesmo assim, o pessoal plantou”, relata.

Ele explica ainda que parte do milho colhido atualmente corresponde, na prática, a um plantio tardio realizado entre novembro e dezembro, em condições semelhantes às da safra de verão. “Esse milho que está sendo colhido agora, a gente está tratando praticamente como safra verão. Foi um plantio tardio de novembro e dezembro que está sendo colhido neste momento”, comenta.

Na avaliação de Deucimar, a situação do mercado também exige cautela. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos produtores goianos devido à irregularidade das chuvas, estados como Mato Grosso devem registrar uma safra dentro da normalidade, fator que tende a limitar altas mais expressivas nos preços.

“A questão de mercado é interessante, porque Goiás e parte do Centro-Oeste estão passando por uma situação mais crítica de chuva. Mas o Mato Grosso, que impacta muito na produção nacional, não está sofrendo tanto. A tendência é que o preço não suba muito. Mato Grosso deve ter uma produção regular, não recorde, mas normal. E em Goiás também tem produtor que plantou dentro da janela e deve colher uma safrinha regular”.

### **Redução na safra 2025/2026**

Segundo o engenheiro agrônomo e assessor técnico da Faeg, Lucas Lopes, o prolongamento da estiagem tem agravado o estresse hídrico nas áreas produtoras e as lavouras já apresentam sintomas visíveis da falta de água. “As áreas mostram quadro crescente de estresse hídrico, com enrolamento foliar, especialmente nas lavouras de plantio mais tardio. Muitos produtores também estenderam a janela de semeadura até meados de março, aumentando a exposição ao risco climático”, destaca.

Divulgação

Mesmo com algumas áreas ainda mantendo vigor vegetativo, principalmente aquelas em estágios mais avançados, o especialista alerta que já existem sinais de perda de produtividade. A estimativa atual aponta que Goiás deverá produzir cerca de 11,8 milhões de toneladas de milho nesta safra, volume 16,7% inferior ao registrado no ciclo anterior, representando queda aproximada de 2,3 milhões de toneladas. A retração reflete um cenário de maior cautela dos produtores diante das oscilações climáticas, dos altos custos de produção, das condições de mercado e também do elevado nível de endividamento do setor.

A área cultivada com milho segunda safra no estado está projetada em 1,7 milhão de hectares, redução de 3,8% em relação ao ciclo passado, conforme levantamento da Conab. As regiões que mais preocupam neste momento são o Sudoeste Goiano e o Extremo Sul, consideradas estratégicas para a produção estadual. “Essas regiões concentram grande parte da produção de milho segunda safra, impulsionadas pela presença de agroindústrias e pela logística favorável. Porém, o déficit hídrico tem sido mais severo, comprometendo principalmente as lavouras implantadas fora da janela ideal”, ressalta Lucas.

Além da seca, o avanço de doenças foliares e pragas também amplia os desafios no campo. Segundo o assessor técnico, há aumento da incidência de Bipolaris e da lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*), fatores que podem comprometer ainda mais a produtividade.

Apesar do cenário desafiador, o crescimento da indústria de etanol de milho surge como um importante fator de sustentação para o mercado goiano. Lucas Lopes avalia que a expansão das usinas fortalece a demanda interna pelo cereal e reduz a dependência exclusiva das exportações e do mercado tradicional.

“Em Goiás, a produção de etanol de milho saltou de 190,8 milhões de litros na safra 2018/19 para uma projeção de 782,5 milhões de litros em 2025/26. Esse avanço amplia a capacidade de absorção da produção estadual e agrega valor à cadeia produtiva”, pontua.

O crescimento da agroindustrialização também já começa a modificar o perfil das exportações goianas. Enquanto os embarques de milho in natura registraram retração no primeiro trimestre de 2026, as exportações de derivados industrializados, como amido, farinha, óleo e milho doce preparado, alcançaram recorde para o período.

Para a Faeg, esse movimento reflete uma transformação importante no agronegócio goiano, marcada pela ampliação da capacidade de processamento, diversificação de mercados compradores e fortalecimento das relações comerciais internacionais. O vice-presidente da Faeg e presidente da Comissão de Grãos e Oleaginosas, Ênio Fernandes, destaca que o produtor já percebia, desde o início da safra, que a segunda safra seria desafiadora. Segundo ele, a tendência de redução da produtividade brasileira pode favorecer preços mais firmes nos próximos meses, especialmente diante do cenário internacional.

“Quando olhamos o mercado externo, vemos um ambiente favorável para o milho brasileiro. Os Estados Unidos devem reduzir área de milho, a Argentina teve problemas climáticos e a Ucrânia continua enfrentando os impactos da guerra. Isso pode favorecer o Brasil”, analisa.

Além do mercado externo aquecido, o consumo interno segue forte, impulsionado pelos setores de ração animal, proteína e etanol de milho. Ainda assim, especialistas alertam que preços melhores não significam, necessariamente, maior rentabilidade para o produtor.



Engenheiro agrônomo e assessor técnico da Faeg, Lucas Lopes avalia que o crescimento da indústria de etanol de milho surge como fator de sustentação para o mercado goiano

Divulgação

Fatores como dólar, logística, armazenagem e frete continuam impactando os resultados no campo.

“O produtor precisa trabalhar gestão de risco. Se o preço já oferece margem positiva, muitas vezes vale a pena travar parte da produção. Esperar sempre o melhor preço pode ser perigoso”, orienta Ênio Fernandes.

A safra 2025/26 reforça uma realidade já percebida pelo produtor rural nos últimos anos: produzir exige cada vez mais planejamento, capacidade de adaptação e decisões rápidas diante das mudanças climáticas. Mais do que acompanhar previsões meteorológicas, o setor passa a discutir novas estratégias de manejo, escolha de cultivares, alternativas produtivas e formas de reduzir riscos.

Em Goiás, a segunda safra ainda está em desenvolvimento, e os impactos finais só poderão ser mensurados nos próximos meses. Mas uma avaliação já é consenso entre especialistas e produtores: o clima mudou, e o planejamento agrícola precisará acompanhar essa transformação.

# Goiás colhe novas oportunidades

Tecnologia, manejo especializado e condições favoráveis do Cerrado impulsionam a expansão dos vinhedos e da produção de vinhos no Estado

Lucas Almeida | lucas.souza@sistemafaeg.com.br

**E**nquanto o Rio Grande do Sul projeta uma das maiores colheitas de uva dos últimos anos em 2026, impulsionada pela recuperação climática após perdas recentes, outras regiões brasileiras também vêm ganhando protagonismo no setor vitivinícola. Entre elas está Goiás, que se consolida como uma das novas

fronteiras da viticultura tropical brasileira, impulsionada pelo avanço tecnológico, pelo manejo especializado e pelas condições favoráveis do Cerrado.

Tradicionalmente associada às regiões Sul e Sudeste do país, a produção de uvas encontrou no território goiano características consideradas estratégicas para o

desenvolvimento da cultura. O inverno seco, a alta luminosidade, a altitude de algumas regiões e a possibilidade de controlar o ciclo produtivo por meio da técnica da dupla poda têm ampliado o potencial da atividade no estado.

Segundo o engenheiro agrônomo e instrutor de viticultura do Senar Goiás, Matheus Elache Rosa,





*Engenheiro agrônomo e instrutor de viticultura do Senar Goiás, Matheus Elache ressalta que a atividade passou a apresentar um crescimento mais acelerado em Goiás nos últimos cinco anos*

Divulgação

foi nos últimos cinco anos que a atividade passou a apresentar um crescimento mais acelerado. “A viticultura goiana está em constante expansão. Já existiam produtores mais antigos e consolidados, mas foi nos últimos anos que a produção começou a ganhar força e multiplicar os interessados no cultivo de uvas finas de mesa, uvas rústicas e também na produção voltada para vinhos”, afirma.

A evolução da atividade acompanha uma mudança importante na percepção sobre o cultivo da videira no Brasil. Se antes a produção era vista como uma atividade

praticamente exclusiva de regiões frias, hoje estados do Cerrado demonstram capacidade para produzir uvas de alta qualidade, inclusive destinadas à elaboração de vinhos finos.

Para a engenheira agrônoma Ana Caroline Dias de Souza, o clima goiano exerce papel decisivo nesse avanço. “O Cerrado apresenta temperaturas elevadas, boa luminosidade, amplitude térmica favorável e duas estações bem definidas. Essas características favorecem o manejo da videira, especialmente com a utilização da técnica da dupla poda”, explica.

Ela destaca que o principal diferencial está justamente na possibilidade de direcionar a colheita para os meses mais secos do ano. “Conseguimos produzir durante o inverno seco, o que favorece melhor maturação das uvas, maior concentração de açúcar e compostos fenólicos, impactando diretamente na qualidade final da fruta e dos vinhos”, completa.

#### **Poda invertida**

A chamada dupla poda, também conhecida como poda invertida, foi determinante para a expansão da viticultura em Goiás e em outros estados do Brasil Central. A técnica permite alterar o ciclo natural da videira, deslocando a colheita para períodos de menor incidência de chuva.

Na prática, os produtores realizam uma poda de produção entre março e abril, fazendo com que a

colheita ocorra entre junho e julho, meses caracterizados pelo clima seco do Cerrado. Em algumas propriedades, ainda é possível obter uma segunda produção no fim do ano. “Diferentemente do Sul do país, Goiás consegue trabalhar com duas safras anuais, dependendo do manejo adotado pelo produtor. Isso representa uma vantagem competitiva importante”, afirma Matheus.

Segundo Ana Caroline, mesmo com os avanços proporcionados pela técnica, o clima continua exigindo monitoramento constante e manejo preciso. “As fases mais sensíveis da videira são a brotação, a floração e a maturação. Chuvas fora de época e alta umidade podem favorecer doenças fúngicas e comprometer produtividade e qualidade”, explica.

Entre as principais preocupações dos produtores está o míldio, considerado atualmente uma das doenças mais agressivas para os vinhedos do Cerrado. “Quando as chuvas se prolongam além do esperado durante o ciclo produtivo, o produtor precisa intensificar o manejo fitossanitário e acompanhar diariamente o comportamento do vinhedo”, afirma a especialista.

#### **Safra 2025/2026**

Apesar das irregularidades climáticas registradas nos últimos anos, a expectativa para a safra 2025/2026 em Goiás é positiva entre os produtores acompanhados pelos técnicos do Senar Goiás.

Segundo Ana Caroline, o atraso das chuvas durante o ciclo de formação das plantas acabou favorecendo o desenvolvimento vegetativo das videiras. “Com menor pressão de doenças, os ramos conseguiram se desenvolver de forma mais saudável e acumular mais reservas, o que impacta diretamente o potencial produtivo da safra seguinte”, explica.

Ela ressalta que os produtores que conseguiram ajustar corretamente o momento das podas e acompanhar mais de perto as condições climáticas tendem a colher melhores resultados, tanto em produtividade quanto em qualidade. “De maneira geral, a expecta-

Divulgação



*Para a engenheira agrônoma Ana Caroline Dias de Souza, o clima goiano exerce papel decisivo no avanço da atividade no Estado*



Senar Goiás tem ampliado a oferta de treinamentos, cursos e assistência técnica especializada

Divulgação

tiva é bastante positiva para esta safra, tanto em quantidade quanto em qualidade”, afirma.

#### **Assistência técnica**

O crescimento da viticultura goiana também vem sendo acompanhado por um processo crescente de profissionalização no campo. Para atender à demanda dos produtores interessados na cultura, o Senar Goiás tem ampliado a oferta de treinamentos, cursos e assistência técnica es-

pecializada. Além dos cursos de Formação Profissional Rural (FPR), a instituição atua por meio da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), acompanhando propriedades e orientando produtores no manejo dos vinhedos.

Para Matheus, um dos maiores avanços dos últimos anos foi justamente o acesso à informação técnica. “O treinamento de cultivo de uvas do Senar Goiás ajudou a desmistificar a ideia de que a

videira só produz em clima frio. Hoje o produtor entende que, com manejo correto, Goiás tem potencial para produzir uvas e vinhos de alta qualidade”, destaca.

Ana Caroline também observa uma mudança importante no perfil dos produtores. “Hoje os produtores utilizam mais monitoramento climático, irrigação controlada, manejo nutricional mais preciso e acompanhamento técnico especializado. Existe muito

mais troca de informação entre produtores, consultores e instituições de pesquisa”, afirma.

Mesmo com os avanços, ela ressalta que a atividade ainda enfrenta desafios relacionados à formação de mão de obra especializada e à adaptação das variedades ao clima do Cerrado.

#### **Enoturismo**

Além do crescimento da produção de uvas finas, Goiás também começa a conquistar espaço no mercado de vinhos de inverno e no enoturismo.

Regiões como Cocalzinho de Goiás, Pirenópolis, Padre Bernardo, Jaraguá e Rianópolis já contam com vinhedos estruturados, enquanto algumas vinícolas acumulam premiações nacionais e ampliam a visibilidade da produção local. “Cocalzinho possui vinhedos com mais de 1.100 metros de altitude

e já conta com vinhos premiados nacionalmente. Isso demonstra o potencial que o estado possui para construção de uma identidade própria na viticultura”, destaca Ana Caroline.

Segundo os especialistas, a tendência é que Goiás continue crescendo de forma gradual e cada vez mais profissionalizada nos próximos anos, especialmente em segmentos de maior valor agregado, como vinhos finos, turismo rural e experiências ligadas ao setor vitivinícola. “O estado não deve competir em volume com regiões tradicionais, mas tem tudo para se tornar uma referência nacional em viticultura tropical de alta qualidade”, conclui Matheus Elache Rosa.

# Goiás avança em produção e reforça liderança nacional

Maior produtor do país, estado amplia área cultivada em 2026, mas atraso e excesso de chuvas reduzem a produtividade da safra; cultura segue como alternativa rentável para os agricultores goianos

Revana Oliveira | [revana@sistemafaeg.com.br](mailto:revana@sistemafaeg.com.br)

O amarelo das lavouras de girassol voltou a transformar o cenário do campo goiano em 2026. Em municípios produtores, as flores abertas chamam atenção pela beleza e abrem a temporada de fotos nas redes sociais. Mas é a força econômica da cultura que continua despertando o interesse dos agricultores. Mesmo diante das dificuldades provocadas pelas condições climáticas nesta safra, Goiás segue como o maior produtor de girassol do Brasil e amplia a área cultivada no estado.

Em Bela Vista de Goiás, a cada ano mais produtores aderem ao cultivo

do girassol. Na plantação da família de Luana Peixoto, ele ocupa 100 hectares. As plantas alcançaram cerca de 1,6 metro de altura e apresentam bom desenvolvimento. Apesar disso, a produtividade pode ser menor em comparação ao ano anterior, reflexo do atraso no calendário agrícola provocado pelas chuvas.

“Esse ano, nesse talhão aqui em específico, a gente plantou fora da janela esperada, que é até o dia 10 de março, aqui foi plantado dia 15. Como a gente atrasou o plantio de soja no ano passado por chuva, e esse ano a gente também atrasou a colheita por

conta de chuva, acabou impactando no plantio do girassol.”

Conhecido por acompanhar a movimentação do sol ao longo do dia, o girassol vai muito além do aspecto ornamental. O grande interesse do produtor está concentrado no capítulo floral, estrutura responsável pela formação das sementes utilizadas pela indústria. E aí, as plantas podem surpreender com uma colheita maior que a esperada. “Para a gente hoje, o que mais interessa é o capítulo, que é toda a parte central, desconsiderando as pétalas, cada um dos pontinhos futuramente é uma flor que vai se trans-



formar em semente, que é a parte que a gente colhe que vai contar na minha produtividade”, enfatiza Luana.

Dados do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag) mostram que o estado produziu, em 2025, aproximadamente 72,1 mil toneladas da oleaginosa, cultivadas em cerca de 46,6 mil hectares. O volume garantiu a Goiás mais de 70% de toda a produção nacional.

Para 2026, a área plantada cresceu cerca de 11% e chegou a aproximadamente 52,1 mil hectares. No entanto, a expectativa de produção recuou para algo próximo de 70 mil toneladas. A produtividade média deve cair mais de 11%, ficando pouco acima de 20 sacas por hectare.

Segundo o analista técnico do Ifag, Vilmar Júnior, as condições climáticas comprometeram parte das lavouras em diferentes fases do cultivo. O atraso das chuvas prejudicou o início do plantio da soja e, posteriormente, o excesso de precipitações dificultou a colheita e atrasou a semeadura do girassol. “Apenas 50% das áreas de girassol do estado foram plantadas no período ideal. Os outros 50% estão em início de floração agora em maio, justamente no período de redução das chuvas, o que pode comprometer ainda mais a produtividade”.

Mesmo diante desse cenário, o girassol continua sendo uma alternativa considerada mais segura e rentável para a segunda safra em comparação a culturas como milho e sorgo, principalmente em áreas plantadas fora da janela ideal. “Se a gente for comparar com o milho, com o sorgo, que é uma



*Analista técnico do Ifag, Vilmar Júnior diz que o girassol continua sendo uma alternativa mais segura e rentável para a segunda safra*

Divulgação

outra opção para a segunda safra, ele ainda consegue ter uma rentabilidade maior por essa segurança no preço que se tem aqui em Goiás.”

Outro fator que fortalece a cultura é a comercialização antecipada. Parte significativa da safra já teve preço negociado antes mesmo da colheita. “Esse girassol também tem uma peculiaridade, que o preço, grande parte dele é formado antes da colheita, então a gente já tem ali um preço médio formado na casa dos seus 118 reais por saca”, conta Vilmar.

De acordo com o Ifag, cerca de 46% da produção estadual já foi vendida antecipadamente por esse valor. Como a produtividade deve ser menor neste ano, a expectativa do setor é de valorização para o restante da safra. Em 2025, a média de comercialização foi de R\$ 121 por saca de 60 quilos.

Em outra propriedade rural, desta vez com 900 hectares destinados à cultura, Everaldo Garcia espera não sofrer com as intempéries climáticas

e, otimista, aposta em produtividade acima de 30 sacas por hectare. Para ele, além da rentabilidade, o girassol também oferece benefícios agrônômicos importantes para o solo e para as culturas seguintes. “Ela se adaptou muito à região aqui. É uma planta rústica, é uma planta que tem uma baixa necessidade hídrica e tem os benefícios, que são o enraizamento muito profundo, ela pega o potássio embaixo e sobe. Então, as culturas subsequentes que você vai plantar, você consegue, na soja por exemplo, em torno de quatro a cinco sacos por hectare a mais só com o plantio do girassol na safrinha”, revela.

Além do óleo vegetal utilizado na alimentação, o girassol ganha espaço em diferentes segmentos industriais. As sementes abastecem cadeias de produção de rações, cosméticos, medicamentos e biocombustíveis. O cultivo também favorece a rotação de culturas, melhora as condições do solo e fortalece a apicultura, contribuindo para a diversificação da produção agropecuária em Goiás.

A florada, que dura em média apenas 15 dias, costuma atrair olhares e movimentar propriedades rurais nesta época do ano. Depois desse período, as plantas seguem para a fase de secagem até a colheita, prevista para começar na primeira quinzena de junho.

Entre os municípios que mais se destacam na produção de girassol no estado estão Rio Verde, Luziânia, Montividiu, Jataí, Orizona, Ipameri, Chapadão do Céu e Caiapônia, regiões que seguem impulsionando o crescimento da cultura em Goiás.

# Prevenção passa a ser exigência legal no agro

Curso pioneiro do Senar Goiás prepara propriedades e empresas rurais para atender às novas regras da NR-1 e reforça a importância do cuidado emocional no campo

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

A preocupação com a saúde mental dos trabalhadores rurais passou a fazer parte, oficialmente, das exigências legais das empresas brasileiras. Em Goiás, a adaptação às novas regras já começou no campo. A primeira turma do curso “Gestão de Riscos Psicossociais no Meio Rural”, promovido pelo Senar Goiás, foi realizada no início de maio, na Agrícola Wehrmann, em Cristalina.

Reconhecida pela forte atuação no setor de hortifrúti, a empresa se destaca na produção de alho, batata, cebola, cenoura e beterraba, além do cultivo de milho e soja para sementes. Com equipes atuando em diferentes funções e a rotinas intensas, a iniciativa surgiu como uma forma de fortalecer o cuidado com os cola-

boradores e se preparar para a atualização da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1).

A nova regra, que entrou em vigor em 26 de maio de 2026, determina que empresas incluam os riscos psicossociais no Programa de Gerenciamento de Riscos (PGR). Isso significa que fatores como pressão excessiva, jornadas desgastantes, conflitos interpessoais, assédio e ausência de suporte emocional precisam ser identificados, monitorados e prevenidos dentro do ambiente de trabalho.

Após um período inicial de adaptação, o Ministério do Trabalho e Emprego passou a fiscalizar oficialmente o cumprimento das novas exigências. Empresas que não adotarem medidas preventivas poderão sofrer atuações e multas.

A mudança acompanha um cenário preocupante no país. Dados da Previdência Social revelam que, somente em 2025, mais de 546 mil benefícios por incapacidade temporária foram concedidos em razão de transtornos mentais e comportamentais — aumento de 15,66% em comparação ao ano anterior. Levantamentos da Organização Internacional do Trabalho (OIT) também apontam crescimento expressivo nos afastamentos relacionados à saúde emocional, que passaram de 201 mil para 472 mil casos entre 2022 e 2024.

Segundo a coordenadora de Formação Profissional Rural (FPR) do Senar Goiás, Yanuzi Camilo, o treinamento foi desenvolvido justamente para auxiliar produtores e empresas rurais nesse novo momento. “Hoje, além dos riscos físicos, químicos e operacio-



Primeira turma do curso Gestão de Riscos Psicossociais no Meio Rural, promovido pelo Senar Goiás

Divulgação

nais, as empresas também precisam olhar para o emocional dos trabalhadores. O Ministério do Trabalho já realiza fiscalizações nesse sentido, e quem não estiver preparado poderá ser penalizado”, explica.

Com carga horária de 16 horas, o treinamento é realizado de forma imersiva diretamente nas propriedades e empresas rurais, permitindo que os conteúdos sejam trabalhados de maneira prática e alinhados à realidade vivida pelas equipes no campo.

Durante as aulas, são abordados temas como excesso de demanda, desgaste emocional, assédio, relacionamento entre equipes e qualidade do ambiente organizacional. O objetivo é ajudar as empresas a identificar situações de risco e desenvolver estratégias de prevenção e acolhimento.

Yanuzi destaca que a intensidade da rotina agropecuária pode ampliar o desgaste psicológico dos trabalhadores. “O agro envolve longas jornadas, trabalho sob altas temperaturas, períodos intensos de plantio e colheita. Tudo isso gera impacto emocional e precisa ser acompanhado com atenção”, afirma. Ela reforça ainda que investir no bem-estar das equipes também traz reflexos positivos para a produtividade.

“Um colaborador emocionalmente saudável trabalha melhor, produz mais e contribui para um ambiente mais equilibrado.”



*Psicóloga da empresa Agrícola Wehrmann, Bianca Marchese ressalta que o treinamento do Senar Goiás amplia a conscientização sobre saúde mental no setor agropecuário*

Divulgação

Na Agrícola Wehrmann, a iniciativa foi recebida como um avanço importante na valorização das pessoas. A psicóloga do trabalho da empresa, Bianca Marchese, avalia que o treinamento ampliou a conscientização sobre o tema dentro do setor agropecuário. “Falar sobre riscos psicossociais é essencial. O curso trouxe ainda mais visibilidade para a importância de cuidar dos colaboradores dentro do agro”, ressalta.

Ela também destaca o pioneirismo da empresa em receber a primeira edição do treinamento. “Ter essa capacitação dentro do Grupo Wehrmann foi motivo de satisfação para

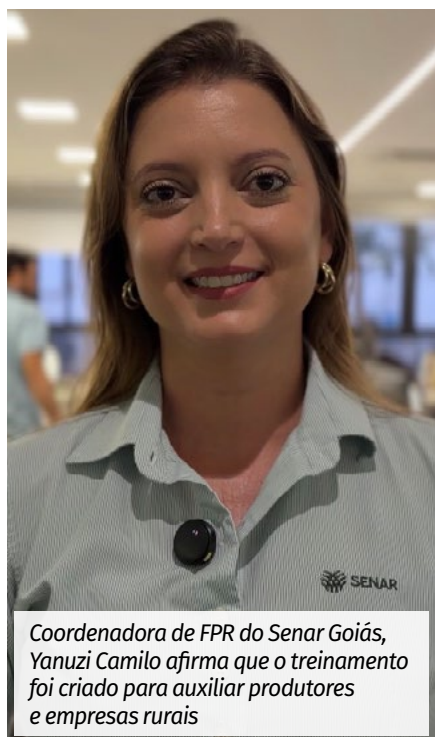
toda a equipe. A parceria com o Senar Goiás fortalece ainda mais esse processo de cuidado e desenvolvimento humano.”

Para Bianca, o principal resultado do curso está no fortalecimento das relações interpessoais e no olhar mais atento às necessidades dos trabalhadores. “Aprendemos ainda mais sobre como acolher, orientar e criar um ambiente saudável para todos. Isso fortalece o grupo e melhora a convivência dentro da empresa.”

Além da inclusão dos riscos psicossociais no PGR, a atualização da NR-1 determina que as empresas mantenham ações contínuas de identificação, acompanhamento e revisão das medidas adotadas. Durante as fiscalizações, auditores poderão avaliar documentos internos, índices de afastamento, entrevistas com funcionários e a própria organização do trabalho.

Ferramentas como avaliações cognitivas, testes de atenção contínua e escalas de fadiga mental também passam a ser importantes aliadas na identificação precoce de sinais de esgotamento psicológico, permitindo intervenções antes que o adoecimento afete os trabalhadores.

Para ter acesso gratuito ao curso “Gestão de Riscos Psicossociais no Meio Rural”, os interessados podem procurar o sindicato rural de seu município.



*Coordenadora de FPR do Senar Goiás, Yanuzi Camilo afirma que o treinamento foi criado para auxiliar produtores e empresas rurais*

Divulgação



Divulgação

# Impacto que transforma

Projeto desenvolvido em Corumbá de Goiás une ações ambientais, sociais e de governança, fortalece a integração entre campo e cidade e gera resultados para produtores, escolas e comunidade local

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

**N**os últimos anos, o Faeg Jovem Corumbá de Goiás consolidou uma atuação estruturada voltada ao desenvolvimento de seus membros, ao fortalecimento do Sindicato Rural, ao atendimento das demandas dos produtores e ao engajamento da comunidade local. Com o propósito de atuar como agente de transformação, o grupo tem pautado suas ações em planejamento, metas e resultados concretos, promovendo impactos positivos tanto no campo quanto na cidade.

Segundo o coordenador do grupo em 2025, Sandoval Vieira da Rocha, a trajetória foi construída a partir de três eixos estratégicos de atuação. “O Eixo Modelo, implementado na Fazenda A Coqueiral, contou com a aplicação completa de práticas ESG (Ambiental, Social e Governança); o Eixo ATeG foi voltado aos produtores assistidos pela Assistência Técnica e Gerencial do Senar, com intervenções adaptadas à realidade produtiva; e o Eixo Urbano foi desenvolvido

além das porteiras para fortalecer a integração entre campo e cidade, potencializando o impacto coletivo e a conscientização sobre o desenvolvimento sustentável. Em todas as frentes, foram realizadas sensibilizações e planos de ação para monitoramento, viabilizados por 11 parcerias efetivas”, explica o coordenador. No eixo ambiental, as ações geraram resultados expressivos. Foram plantadas e doadas mais de 400 mudas de espécies nativas e distribuídos 230



Divulgação

kits de sementes. O grupo também implantou três sistemas de compostagem e criou um ecoponto comunitário, responsável pela coleta de mais de 2 mil itens destinados à reciclagem. As campanhas de coleta seletiva realizadas na cidade e nos distritos mobilizaram a população e garantiram a destinação correta de 90 quilos de resíduos diversos, 100 quilos de alumínio e duas caminhonetes carregadas de vidro. As iniciativas sociais promoveram cinco eventos no município, beneficiando mais de mil pessoas. Entre as ações desenvolvidas está a implantação do programa Agrinho, com foco no fortalecimento da educação infantil.

O grupo também implantou hortas em 75% das escolas municipais, com o plantio e a distribuição de mais de mil mudas de

hortaliças. Além disso, realizou cinco eventos técnicos na rede municipal de ensino, impactando diretamente mais de 600 alunos. No eixo de governança, as ações estiveram voltadas ao fortalecimento de parcerias e à melhoria da gestão. Um dos destaques foi a mobilização de consultoria especializada para a Coqueiral Queijaria, contribuindo para a ampliação do portfólio de produtos, que passou de quatro para 12 tipos de queijos.

O grupo também atuou no incentivo à sucessão familiar e na divulgação de serviços voltados ao produtor rural. Por meio da ATeG, trabalhou na mobilização de dois grupos de assistência técnica e na articulação de capacitações, preenchendo 100% dos cards de treinamentos e gerando 20% das demandas do Sindicato Rural. A

segurança no campo também recebeu atenção especial, com a entrega de mais de 300 equipamentos de proteção individual (EPIs) e placas de sinalização para produtores rurais. O trabalho desenvolvido pelo Faeg Jovem Corumbá de Goiás também resultou em reconhecimento estadual e homenagens da sociedade civil. “Essa atuação histórica é refletida em premiações estaduais recentes, como o Destaque Regional em 2023, o 3º lugar em 2024 e o 2º lugar em 2025, além de homenagens da sociedade, incluindo uma Moção de Aplausos da Câmara Municipal, o Certificado de Reconhecimento da Associação do Caminho de Cora Coralina e o Certificado de Parceiro do Bem do Hospital do Câncer Francisco Camargo”, finaliza a tutora que deu suporte ao grupo, Andreza Mareco.



Divulgação

# Como evitar que o queijo fique inchado

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br



Divulgação



Divulgação

### Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail: [revistacampogoias@gmail.com](mailto:revistacampogoias@gmail.com). Participe!

**A**na Custódia comprou um pequeno sítio na região de Anápolis. Ela tem algumas vacas e o objetivo é fazer queijos. No entanto, apesar de seguir a receita do queijo meia cura na íntegra, a produção não tem dado certo. Alguns incham ou, quando não, ficam amargos e com cheiro ruim.

### Dúvida | O que está causando isso e como resolver?

**Resposta |** O problema é causado por contaminação microbiológica, fermentação descontrolada ou erro no processo. As principais causas são a higiene inadequada das Boas Práticas de Fabricação (BPF), muito comum em utensílios, formas, tanques, mãos, água e especialmente em produção artesanal.

A orientação é criar uma rotina rígida de limpeza antes da produção, lavar equipamentos com detergente alcalino, enxaguar bem, sanitizar com cloro ou sanitizante adequado. Na higiene pessoal usar touca, avental limpo, mãos higienizadas e sem anéis ou relógios.

A pasteurização pode ajudar muito a reduzir problemas de queijo artesanal como de estufamento, amargo e eliminar contaminantes. A pasteurização é um processo térmico no qual o leite é aquecido a uma temperatura específica por um determinado período e, em seguida, resfriado rapidamente, com o objetivo de destruir microrganismos patogênicos, aumentar a segurança alimentar e prolongar a conservação do produto.

No processo de produção controlar a temperatura do leite, controlar o cozimento da massa e evitar ambiente muito quente. Na maturação manter um local ventilado, temperatura estável e umidade controlada. Utilizar um fermento lácteo confiável e o coalho na dose correta para evitar o gosto amargo no queijo.

Os dois métodos mais usados de pasteurização são: lenta, aquecendo o leite até 63°, mantendo nessa temperatura por 30 minutos e depois resfriando rapidamente; e rápida, aquecendo até 72°C, mantendo por 15 segundos e resfriando rapidamente. Já no caso de fazer em casa, a orientação é coar o leite cru, colocar numa panela inox, usar um termômetro culinário e mexer lentamente para não grudar.

Ao atingir a temperatura: 63°C por 30 minutos ou 72°C por 15 segundos; resfrie rápido em panela em água gelada. Guarde refrigerado. A temperatura ideal visualmente o leite fica quente e começa a liberar vapor leve; e não deve levantar fervura forte. Se ferver acima de ~85–90°C, pode mudar o sabor, deixando com gosto de cozido, além de alterar a textura, prejudicar o rendimento e o ponto da coalhada, dependendo do tipo de queijo.



*Resposta enviada pela técnica de agroindústria do Senar Goiás, Naila Borba.*

# Coração ou umbigo da bananeira é alternativa de adubo?

Revana Oliveira | [revana@sistemmafaeg.com.br](mailto:revana@sistemmafaeg.com.br)

A tendência da adubação natural está cada vez mais crescente. Os leitores da Revista Campo já devem ter percebido isso, diante das últimas dicas. Então, como sugestão da técnica de campo do Senar Goiás Marina Arriel, vamos esclarecer sobre uma receita muito na moda. É mito ou verdade que o coração da bananeira é um ótimo fertilizante, em especial para a jabuticabeira?



## Verdade!

Para explicar de forma completa, vamos começar entendendo o que é o “umbigo” da bananeira. Essa estrutura vegetal possui o nome técnico de coração da bananeira ou inflorescência masculina. É aquela ponta roxa comprida que fica pendurada no final do cacho depois que as bananas se formam. Maioria dos produtores cortam o umbigo após a formação da última penca no cacho para ajudar a direcionar a energia para o enchimento das bananas. Esse umbigo, após cortado, vira matéria orgânica no solo devolvendo os nutrientes para as plantas.

Amplamente conhecido na medicina natural, é utilizado principalmente na preparação de xaropes para doenças respiratórias. No entanto, nos últimos anos, seu uso tem sido expandido para diversas outras finalidades, como na alimentação humana e na adubação de plantas. Por conter bastante água, matéria orgânica e nutrientes reciclados pela própria planta, essa estrutura se destaca como uma excelente fonte de nutrientes para as culturas vegetais.

Recentemente, seu uso foi destacado na cultura da jabuticabeira, para auxiliar no enraizamento e indução da floração. Essa cultura responde muito bem a adubações

orgânicas, por fornecerem cobertura morta, deixam o solo levemente úmido e fornecem nutrientes gradualmente. Tudo isso pode ser observado com o uso do umbigo da bananeira, quando aplicado diretamente como adubo em jabuticabeiras.

Para aplicá-lo, o preparo é simples: primeiro, é necessário picar todo o umbigo em pequenos pedaços. Em seguida, deve-se cavar uma pequena vala na projeção da copa da planta, depositar o material picado e, por fim, cobrir novamente com terra. Em regiões secas, o ideal é aplicar junto com irrigação. A melhor época para aplicação na jabuticabeira é no início do período chuvoso e também após a colheita, para a planta conseguir aproveitar melhor

os nutrientes e estimular novas brotações, floradas e produção de frutos.

Seu uso não se limita apenas à cultura da jabuticabeira, podendo também ser aplicado em outras espécies frutíferas, principalmente por garantir o fornecimento de matéria orgânica ao solo, elemento que muitas vezes está em deficiência e compromete o equilíbrio nutricional e a absorção de adubos minerais pelas plantas.

Na agricultura, o próprio sistema produtivo nos mostra que nada precisa ser desperdiçado: materiais que antes eram vistos apenas como descarte podem se transformar em fontes valiosas de fertilidade, promovendo um manejo mais econômico e com equilíbrio entre o solo e as plantas.



Divulgação



Resposta enviada pela técnica de campo do Senar Goiás, Marina Arriel



## Soja - 01 a 30/04/2026

### Soja encerra abril com CBOT volátil, colheita avançada e mercado equilibrado no Brasil

Em abril, o mercado da soja na CBOT foi volátil. Os preços tiveram suporte do farelo, impulsionado pela demanda e pela menor oferta da Argentina, além do cenário geopolítico, que sustentou o petróleo. Por outro lado, o avanço do plantio nos Estados Unidos, que atingiu cerca de 20% da área e ficou acima da média histórica, segundo o USDA, pressionou as cotações. O mercado alternou entre altas e baixas.

No Brasil, abril foi marcado pelo avanço da colheita da safra 2025/26, que atingiu 92,1% da área ao final do mês, segundo a Conab. As exportações seguiram aquecidas, refletindo o pico da temporada. Apesar da demanda firme, a elevada oferta manteve o mercado equilibrado, com liquidez elevada, mas limitando altas mais expressivas nos preços, conforme análise do Cepea.

Em Goiás, a colheita da soja avançou ao longo de abril até atingir patamares próximos da conclusão ao final do mês, chegando a cerca de 99% da área, segundo a Conab. No mercado regional, o preço médio da soja apresentou comportamento estável no período, refletindo o equilíbrio entre a elevada oferta e a demanda ativa.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em abril/26.



Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de abril de 2026.

Descrição	Valor 01/04	Valor 30/04	Diferença
Soja Disponível	R\$108,67	R\$109,00	+R\$0,33
Soja Balcão	R\$108,42	R\$106,73	-R\$1,69
Soja Futuro	R\$114,00	R\$109,70	-R\$4,30



Para maio, o mercado segue atento ao avanço da safra nos EUA, à demanda internacional e ao cenário geopolítico, que segue influenciando os preços da soja.



## Milho - 01 a 30/04/2026

### Alta intensa do petróleo e preocupação com clima quente e seco para a safrinha no Brasil

Na Bolsa de Chicago (CBOT), o milho apresentou valorização ao longo de abril, impulsionado pela intensa alta do petróleo, em meio ao conflito entre Estados Unidos e Irã, o que elevou a demanda por etanol e deu suporte às cotações. Além disso, as previsões do clima para algumas regiões do Cinturão do Milho dos EUA gerou preocupação quanto ao plantio, levando a altas nos contratos. Por outro lado, o ritmo de semeadura acima da média limitou avanços mais intensos. As exportações norte-americanas aquecida também contribuíram para a sustentação do mercado.

No Brasil, o contrato de maio fechou em queda de -4,8% no maio no acumulado mensal, cotado a R\$67,95/sc. De um lado, o mercado foi marcado pelo risco climático na safrinha, com calor e chuvas irregulares, que junto com o avanço das exportações deram suporte aos preços. Por outro, o dólar abaixo de R\$ 5,00 e a demanda interna enfraquecida limitaram as altas. Ao final do mês, 66,7% da primeira safra havia sido colhida, segundo Conab.

Em Goiás, o cenário segue de atenção ao desenvolvimento da safrinha, com predomínio de clima quente e seco e chuvas irregulares, o que começa a impactar o potencial produtivo das lavouras.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em abril/26.

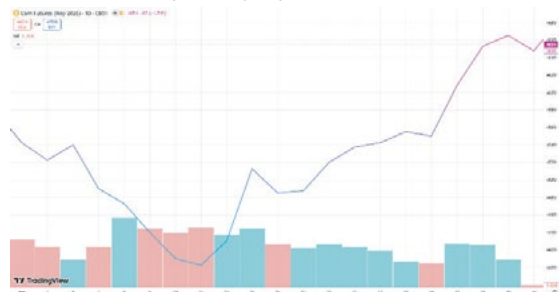


Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de maio de 2026.

Descrição	Valor 01/04	Valor 30/04	Diferença
Milho Balcão (Média Estado)	R\$ 58,67	R\$ 55,17	- R\$ 3,50
Milho Futuro (Média Estado)	R\$ 52,00	R\$ 52,08	+ R\$ 0,08
Rio Verde	R\$ 58,00	R\$ 55,00	- R\$ 3,00



Para maio, o clima continua sendo o principal fator de risco para o desenvolvimento da safrinha no Brasil. No exterior, o mercado segue atento ao cenário externo, com petróleo e clima dos EUA continuando a influenciar as cotações em Chicago



## Mercado do Boi Fecha Abril em Equilíbrio Após Forte Valorização

Abril foi marcado por forte valorização da arroba na primeira quinzena, sustentada principalmente pela oferta restrita de animais terminados e pela dificuldade da indústria em alongar as escalas de abate, que permaneceram próximas de uma semana ao longo do período. Em Goiás, o boi gordo fechou o mês com média de R\$ 338,50/@, alta de 0,43%, enquanto a vaca gorda registrou média de R\$ 312,47/@, avanço de 0,94%.

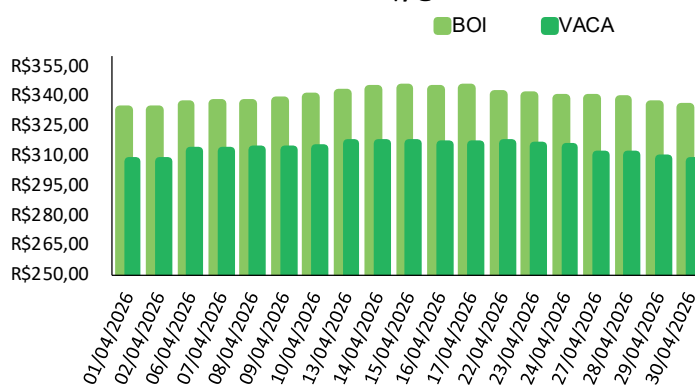
O mercado iniciou o mês mais aquecido, com frigoríficos disputando boiadas prontas e exportações contribuindo para o bom escoamento da produção. No mercado físico paulista, o indicador DATAGRO SP apresentou média de R\$ 361,87/@, valorização de 3,61% em relação ao mês anterior, refletindo o ambiente firme observado principalmente na primeira metade de abril.

Na segunda quinzena, porém, o mercado passou por um movimento de acomodação. O avanço do período seco e a perda gradual da qualidade das pastagens aumentaram a oferta de animais, permitindo que frigoríficos alongassem parcialmente as escalas e ganhassem maior poder de barganha nas negociações. Mesmo sem excesso de oferta, o ambiente se mostrou mais confortável para a

para a indústria em comparação às semanas anteriores.

Para maio, o mercado deve seguir atento ao comportamento das pastagens, ao ritmo das exportações e à evolução das escalas de abate. O cenário atual aponta para um mercado mais equilibrado, com possibilidade de oscilações regionais conforme a oferta de animais e a demanda da indústria ao longo do período.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



Fonte: IFAG



## Exportações Seguem Sustentando o Setor em Meio à Pressão no Mercado Interno

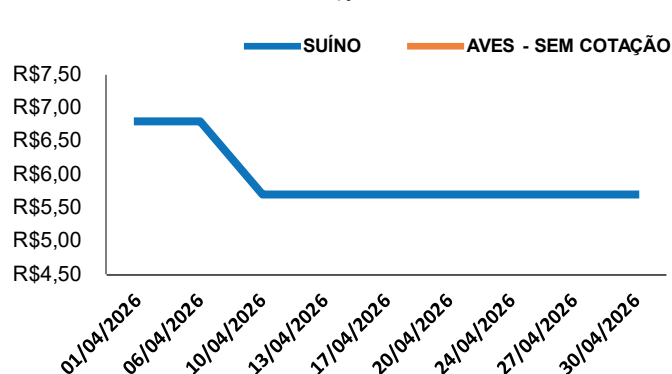
Em abril, a avicultura e a suinocultura brasileiras operaram com mercado interno mais pressionado, refletindo maior oferta de proteínas e consumo mais moderado ao longo do mês. Apesar disso, o setor contou com redução nos custos de produção, favorecida pela queda de 3,09% no preço do milho e de 5,46% no farelo de soja, principais componentes da ração.

Na suinocultura, o mercado sentiu os reflexos do elevado volume de abates registrado em março, cerca de 7% acima do observado no mesmo período do ano anterior. Ao mesmo tempo, a demanda doméstica seguiu mais enfraquecida diante da forte concorrência com a carne de frango, que permaneceu mais competitiva no varejo. Em Goiás, o suíno vivo apresentou média de R\$ 6,00/kg, com comportamento relativamente estável ao longo do mês.

No mercado externo, o desempenho seguiu positivo. Na avicultura, os embarques de carne de frango somaram 442,58 mil toneladas, alta de consolidaram como principal destino da carne suína brasileira, seguidas por Japão e China, reforçando o movimento de diversificação dos mercados compradores.

Para os próximos meses, a tendência é de continuidade do suporte vindo das exportações, enquanto o mercado interno deve seguir mais ajustado, acompanhando o comportamento do consumo e da oferta de proteínas no mercado doméstico.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



Fonte: IFAG



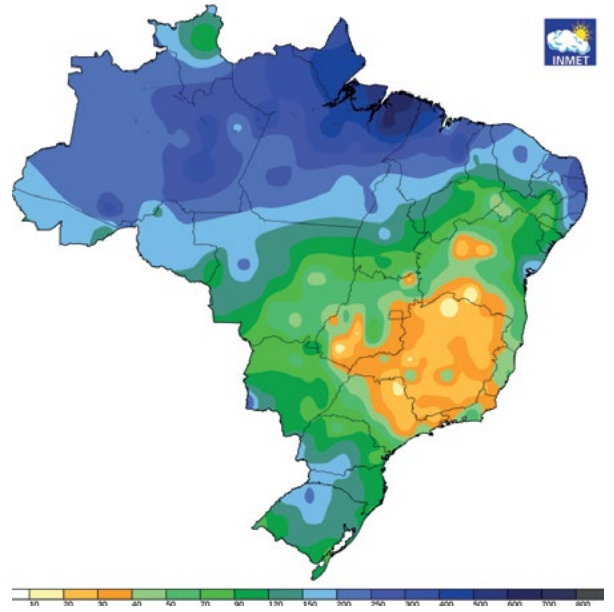
## Abril Marca Avanço do Período Seco e Eleva Preocupação Com o Milho 2ª Safra

Em abril, o clima em Goiás foi marcado pela consolidação gradual da transição para o período seco. As chuvas perderam regularidade ao longo do mês, ficando mais concentradas no norte do estado, enquanto centro, sul e oeste passaram a registrar tempo mais seco e temperaturas elevadas. Esse cenário favoreceu o avanço da colheita da soja e melhorou as operações no campo, mas aumentou a perda de umidade no solo. Em algumas regiões, as precipitações ocorreram de forma muito pontual e sem volumes significativos, reforçando o padrão de irregularidade climática. As temperaturas acima da média também contribuíram para maior evaporação e ressecamento superficial do solo.

Na segunda quinzena, o padrão seco se intensificou e o milho 2ª safra começou a apresentar sinais de estresse hídrico, principalmente em áreas em fase reprodutiva e de enchimento de grãos. As regiões com menor volume de chuva passaram a registrar maior preocupação com impacto sobre a produtividade. Ao mesmo tempo, houve redução na pressão de doenças, enquanto as pastagens iniciaram perda gradual de vigor. O cenário foi mais crítico em parte do centro-sul e oeste goiano, onde a redução da umidade ocorreu de forma mais rápida, embora o tempo firme tenha favorecido as operações no campo.

Para maio, a tendência é de continuidade do clima mais seco e quente, com chuvas abaixo da média e consolidação gradual do período seco em Goiás. O cenário exige maior atenção ao comportamento do milho safrinha e às condições das pastagens nas próximas semanas.

Figura 1. Precipitação acumulada em abril.



Fonte: INMET



## Oferta Ganha Força e Mercado Hortifrúti Mostra Maior Equilíbrio em Goiás

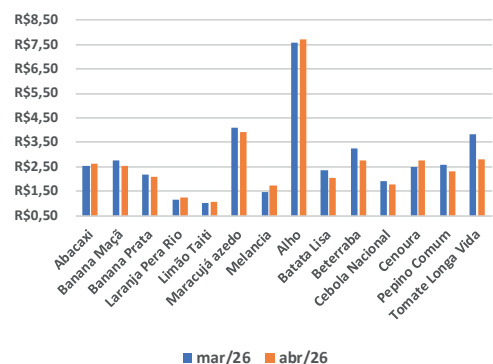
Segundo levantamento do Hortifrúti/Cepea, a maior entrada de cebolas provenientes do Sul do país, somada ao avanço da comercialização no Nordeste, favoreceu um cenário de maior concorrência entre os lotes comercializados. Esse movimento contribuiu para oscilações moderadas nos preços e para um mercado mais equilibrado ao longo de abril.

Na Ceasa Goiás, a entrada de cebolas provenientes principalmente da Região Sul ampliou a disponibilidade do produto no entreposto goiano. Esse movimento favoreceu oscilações moderadas nos preços durante abril, com comportamento mais equilibrado entre oferta e demanda. O ritmo mais lento da colheita no Nordeste ainda influenciou o mercado, mas sem provocar fortes pressões altistas nas negociações realizadas em Goiânia. No segmento de frutas, a banana maçã apresentou leve retração nas cotações ao longo de abril, enquanto a banana prata permaneceu relativamente estável na Ceasa-GO. Já a melancia registrou valorização moderada, impulsionada pela menor oferta no mercado goiano. O maracujá azedo continuou entre os produtos de maior valor agregado comercializados no entreposto.

Com a entrada do período de transição climática e o avanço gradual da oferta em algumas culturas, a expectativa para maio é de continuidade de um mercado mais equilibrado na Ceasa-GO. Ainda assim, produtos com menor disponibilidade ou maior sensibilidade climática devem continuar apresentando oscilações ao longo das próximas semanas.

Gráfico 1 - Variação Mensal do Hortifrúti no Estado de Goiás

Variação Mensal Hortifruti Goiás 2026 (Comparativo mensal)



Fonte: Ceasa-GO; Elaboração: IFAG

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás



Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO  
Tel.: 62 3412-2700  
www.senargo.org.br



Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás  
Tel.: 62 3096-2235  
www.ifag.org.br



Flávia Sabino de Silva

# Brigadeiro Caseiro de Café

Americano do Brasil, 2024

## Ingredientes

- ✓ 395 mL de leite condensado
- ✓ 100 g de creme de leite
- ✓ 1/2 colher de sopa de margarina
- ✓ 02 colheres de sopa de café solúvel
- ✓ 02 colheres de sopa de cacau em pó 50%

## Modo de fazer

Coloque todos ingredientes em uma panela e leve ao fogo médio /alto, mexendo até chegar ao ponto de ver o fundo da panela (mar vermelho). Deixe esfriar e enrole molhando a mão com água e passe no cacau. Depois coloque em forminhas de papel.

**Rendimento:** 24 unidades

**Tempo de preparo:** 1h30



“

*Sempre gostei de cozinhar e gostava de ver a minha mãe cozinhar. (...) Assim que me casei, o primo de meu marido me incentivou a vender café caseiro. Deu certo, comecei a vender café e já faz 20 anos que trabalho com isto. (...) Fico muito feliz hoje, porque lembro de poucos recursos que tínhamos na fazenda e não tínhamos lanches ou sobremesas. Minha mãe até fazia brigadeiro de caju do cerrado, adaptei a receita e hoje é um produto que comercializo. (...)*

”



### Chá de Orégano: sabor, saúde e praticidade em uma única xícara

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

O orégano é um dos temperos mais populares da culinária brasileira. Presente em pizzas, massas, molhos e diversas outras preparações, a erva conquistou o paladar dos brasileiros por seu aroma marcante e sabor inconfundível. O que muita gente não sabe é que o orégano também pode ser consumido na forma de chá, uma bebida saborosa e rica em nutrientes.

Originário da região do Mediterrâneo, o orégano contém vitaminas A, C e do complexo B, além de minerais como zinco, magnésio, cálcio e potássio. A erva também é fonte de ômega-3, contribuindo para uma

alimentação mais equilibrada e nutritiva. Uma das melhores formas de aproveitar as propriedades do orégano é por meio da infusão. A especialista destaca, ainda, que as folhas secas devem ser substituídas a cada três meses, pois perdem gradualmente o aroma e o sabor característicos.

Além de ser uma alternativa simples e aromática para o dia a dia, o chá de orégano pode complementar hábitos saudáveis, oferecendo compostos bioativos e nutrientes importantes para o organismo. É uma opção prática para quem deseja variar o consumo da erva e aproveitar seus benefícios de uma forma diferente.

### Chá de Orégano Seco

#### Ingredientes

1 colher (sopa) de folhas de orégano secas;  
1 xícara (chá) de água.

#### Modo de preparo

Aqueça a água até levantar fervura e desligue o fogo. Coloque as folhas de orégano em uma xícara.

Despeje a água quente sobre as folhas.

Tampe e deixe em infusão por aproximadamente 5 minutos.

Coe a bebida e consuma ainda morna.



**Atenção:** Embora o chá de orégano seja considerado seguro quando consumido de forma moderada, alguns cuidados são necessários. Gestantes devem consumi-lo com moderação, pois ele pode provocar contrações uterinas. O consumo é contraindicado para mulheres que estão amamentando. Pessoas alérgicas a plantas da família das Lamiáceas, como manjeriço, hortelã, sálvia e alecrim, podem apresentar reações alérgicas ao orégano.

Indivíduos que utilizam medicamentos anticoagulantes ou para controle do diabetes também devem ter cautela, pois o orégano pode potencializar alguns efeitos desses tratamentos. Além disso, pessoas com sensibilidade gastrointestinal podem apresentar desconforto estomacal quando a bebida é consumida em excesso.

# RAMPAGE

**BIGHORN**

A PARTIR DE

**R\$ 199.990,00** À VISTA

**+ TAXA 0% | A PRONTA ENTREGA**



Desacelere. Seu bem maior é a vida.

RAMPAGE BIGHORN 26/27 na cor vermelho flame por a partir de R\$ 211.990,00 à vista, com 70% de entrada (R\$ 148.393,00) e saldo em 18x de R\$ .839,00 à vista, com taxa de 0%. Oferta válida até 03/06/2026, ou enquanto durarem os estoques. Consulte condições. Imagem ilustrativa. Sujeito à análise de crédito. Oferta válida para varejo. Demais cores estarão sujeita à alteração de preço.



**Saga RAM House** Av. Castelo Branco  
Saga RAM BR-153



(62) 3931-8969



**RAM**

**saga**



# MUITO ALÉM DO CAMPO

Cuidar do produtor é um compromisso  
direto com a mesa de todos.



**FAEG**  
Federação da Agricultura  
e Pecuária – Goiás



MUITO  
ALÉM DO  
CAMPO